O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

ANNO XXXVIII

Assignaturas: SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis; Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado.

PUBLICA-SE ÁS QUARTAS E SABBADOS

SABBADO 17 DE AGOSTO DE 1889

Publicações: Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal. Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 20 réis, accrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial.

NUMERO 3:819

E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumartin, 61.

SUMMARIO:—As festas.—José Estevão e Paços Manuel.—Attentado.—Noticiario.—Caminho de ferro do Valle do Vouga.—A situação politica no Porto.—A greve dos chapelleiros no Porto.—Politica internacional.—Carta de Lisboa.—Carta de Fozcoa.—Secção agricola.—Communicados.—Secção litteraria.—Parte official.—Folhetim: O marquez de Letoriére.—Correio de Lisboa.

AVEIRO

AS FESTAS

Démos, em n.os seguidos do *Campeão*, a chronica dos festejos a realisar em honra do glorioso tribuno José Estevam Coelho de Magalhães. Em muitos d'esses n.os publicámos tambem o programma das diversas festas de cada um dos tres dias. Hoje somos, porém, obrigados a resumir quanto possivel a descripção, pois nos permitte o espaço que apenas disponhamos das linhas que vão lêr-se.

Abriram d'uma fórma brilhante, com o magnifico bodo aos pobres distribuido por uma commissão de caridosas senhoras, contemplando-se perto de 400 desgraçados, que recebiam chorando a dadiva generosa. Assistiam ao acto, tocando cada uma por sua vez, 2 bandas regimentaes, a dos municipaes do Porto e a de infanteria 4, e a *Amizade*, de Aveiro. Muitas senhoras e muito povo, custando a respirar aquella athmosphera, no espaçoso atrio do lyceu d'Aveiro.

A's 11 e meia d'esse dia, 11 de agosto, reuniam-se á camara municipal os diversos convidados que assistiram ao bodo, saindo todos, ao som do hymno de José Estevam, em direcção á rua d'este benemerito cidadão, onde o sr. conselheiro presidente da camara descerrou a lapide commemorativa do nascimento d'aquelle grande vulto portuguez. Todas as ruas e casas se achavam embandeiradas, havendo riquissimas colchas em quasi todas as janellas. Antes da tocante cerimonia o sr. presidente da camara, sr. conselheiro Manuel Firmino, leu a seguinte allocução:

«Em nome da cidade, que representamos, descubro a lapide commemorativa da casa onde nasceu o valente soldado da liberdade, o eminente tribuno do povo, o benemerito cidadão José Estevão Coelho de Magalhães, para que todos os que vierem depois de nós se descubram reverentes diante do berço do heroe a quem o paiz hoje consagra o preito da sua elevada admiração.»

Uma enorme girandola de foguetes se fez estalar no espaço, cahindo em seguida a bandeira que vendava a lapide, cuja inscripção já os nossos leitores conhecem.

D'ahi todos os convidados se dirigiram para o cemiterio, onde se foram depôr 3 bellas corôas de bronze dourado, uma na campa de José Estevam, onde fallaram o sr. Jayme Lima e o sr. dr. Mello Freitas, outra sobre o tumulo do velho liberal Mendes Leite, e outra no monumento aos martyres da liberdade.

Havia immensa gente por ahi, e ao cemiterio foi tudo o que por ahi se via.

Depois d'isto a commissão dos festejos e a banda de infanteria 4, foram cumprimentar a familia do heroe da festa, a casa do sr. Carvalho e Lima onde se havia hospedada.

De tarde, á tourada correu immensa gente, sahindo-se já quasi de noite.

*

A's 11 horas do dia 12 começara a formar-se o cortejo nas proximidades da estação. Ahi seguiu-se a ordem do programma, que já démos, tendo-se a accrescentar que, com bastantes corporações que a mais se fizeram representar, ia imponente, magestoso. As janellas e ruas, estavam cheias de gente, desfolhando-se, de varias habitações, immensas salvas de petalas de flôres sobre as camaras municipaes, associação dos salvadores e secção Barbosa de Magalhães do Asylo Escolar districtal.

A's 3 chegava ao Largo municipal, onde o venerando e respeitabilissimo coronel sr. Jeronymo de Moraes, desvendou a estatua fazendo subir a banbeira nacional. Immensas girandolas de foguetes se fizeram então queimar, tocando o hymno de José Estevam todas as bandas e musicas que alli estavam. Pouco depois subiram á tribuna o illustre ministro da justiça, que fez um discurso brilhantissimo, o sr. José Dias Ferreira, Magalhães Lima e Elias Garcia.

*

O JANTAR

Foi sumptuosamente deslumbrante o jantar offerecido pelo sr. dr. Barbosa de Magalhães ás commissões parlamentares.

As sallas do illustre deputado estavam distinctamente adornadas, com elegancia, e gosto. Sobre tudo, a salla de mesa, que é vasta, tinha um aspecto soberbo pelos riquissimos espelhos, enormes salvas de prata, e magnificos pratos de faiança, que lhe guarneciam as paredes, pelo bom gosto dos estofos, e pela profusão das luzes e flôres.

No jardim, para que deitam as janellas da salla, tocava, além da magnifica philarmonica *Aveirense*, a admiravel fanfarra dos pequeninos alumnos da Secção *Barbosa de Magalhães* do Azylo Escola Districtal, que são um portento de aptidões precoces, habilissimamente educadas no curto periodo de 5 semanas, e que estavam alli de proposito para prestar homenagem de gratidão ao benemerito fundador e protector sollicito d'aquella util e sympathica instituição de caridade.

Para este jantar haviam sido convidados, sem distincção alguma partidaria, todos os dignos pares e deputados eleitos por este districto, ou d'elle naturaes, todos os funccionarios graduados da cidade e do districto, todos os representantes da imprensa, e ainda todas as pessoas de distincção que de fóra vieram assistir aos festejos. Muitos não poderam vir a Aveiro n'esse dia. E os que vieram, mas não poderam acceder ao convite que lhes foi feito, apresentaram por escripto ou verbalmente as mais delicadas e amaveis desculpas, chegando alguns a ir obsequiosamente assistir ao *dessert* do cordeal banquete, como foram o illustrado engenheiro chefe de secção d'esta circumscripção hydraulica, o sr. Mello Mattos, o benemerito e intelligente commandante da associação dos bombeiros voluntarios, o sr. dr. Joaquim de Mello Freitas, e os distinctos escriptores, os srs. Marques Gomes, Oliveira Ramos, do *Primeiro de Janeiro*; Fernando de Vilhena e Francisco de Magalhães.

Luiz de Magalhães, o filho de José Estevão, não poude comparecer, como aliás significou por carta que desejava, por ter n'esse mesmo dia um jantar intimo, em que se reuniram todos os que ainda restam da familia do eminente tribuno. Esta commovedora festa de familia impediu tambem o comparecimento de Magalhães Lima, do *Seculo*, e de Joaquim A. Gonçalves, da *Provincia*.

Foi por incommodo de saude do sr. João da Maia Romão, presidente da grande commissão promotora dos festejos de inauguração da estatua, que esta commissão não esteve tambem representada n'este banquete.

A mesa, que era em forma de ferradura, e com 33 talheres, estava opulentamente e primorosamente guarnecida de pratas, christaes e flores, coberta de magnificas fructas, deliciosos doces e variadissimas conservas. Ao centro, sentava-se a dona da casa, a ex.ma sr.a D. Maria José de Vilhena de Almeida Maia e Magalhães, tendo á sua direita o sr. conselheiro Veiga Beirão, ministro da justiça, e á sua esquerda o sr. conselheiro João Affonso Espergueira, governador civil.

Defronte, estava o sr. dr. Barbosa de Magalhães, dando a direita ao sr. dr. Francisco de Castro Mattoso da Silva Côrte-Real, deputado por Coimbra, e á esquerda o sr. coronel Bento da França Pinto d'Oliveira, commandante de cavallaria 10.

A' direita do sr. ministro da justiça estavam os srs. conde da Borralha, digno par do reino; conselheiro Manuel Firmino d'Almeida Maia, presidente da camara municipal de Aveiro; dr. Antonio Pereira da Cunha e Costa, presidente da camara municipal de Ovar; commendador Joaquim José dos Prazeres, director telegrapho postal do districto; José Maria Vilhegas d'Ortiz Pereira de Mello, vice-presidente da camara municipal de Estarreja; dr. Manuel de Mello, advogado e redactor da *Soberania do Povo*; Francisco Pinto, collaborador do mesmo jornal, e Firmino de Vilhena, representante do *Jornal da Manhã*.

A' esquerda do sr. governador civil estavam os srs. dr. Antonio d'Oliveira Monteiro, digno par do reino e presidente da camara municipal do Porto; dr. Antonio Candido Ribeiro da Costa, deputado por Aveiro; dr. Antonio Simões dos Reis, deputado por Oliveira d'Azemeis; João Francisco Xavier d'Eça Leal, inspector de fazenda do districto; José Eduardo d'Almeida Vilhena, chefe de serviço da repartição central das recebedorias de Lisboa, e redactor principal do *Campeão das Provincias*; dr. Fernando Mattoso, delegado interino d'uma das varas de Lisboa, e Manuel Gualdino de Campos, chefe da fiscalisação dos caminhos de ferro.

A' direita do sr. dr. Castro Mattoso estavam os srs. conde de Beirós, procurador á Junta Geral do districto; Francisco da Silva Ribeiro, director das obras publicas do districto; tenente coronel José Estevão de Moraes Sarmento; José Parreira, do *Correio da Noite*, e Marques da Costa Junior, do *Jornal da Noite*.

A' esquerda do sr. coronel Bento da França estavam os srs. conselheiro Albano de Mello, deputado por Aveiro e presidente da camara municipal de Agueda; Joaquim Heliodoro da Veiga, deputado pela Pesqueira e secretario particular do sr. ministro da justiça; Daniel Baptista de Barros, capitão do porto; Silva Pereira, do *Globo*; Eduardo de Souza, do *Jornal de Noticias*, e Miranda de Castro, do *Diario Illustrado*.

Começou o jantar ás 7 horas da tarde, com o seguinte *ménu:*

Potage créme de volailles.
Hors d'œuvre variés.

Relevés — Petites bouchées á lá régence.
Soles á la Daumont.

Entrées — Filets de bœuf à la parisienne.
Grenadins de veau Villeroy.
Galantine de dindes truffée.
Jambon de Hambourg á la gelée.

Rôti — Perdreaux sur croustades.

Légumes — Asperges en branche sauce hollandaise.
Haricots verts á l'anglaise.

Entremets — Croûtes á l'ananas.
Fromage glaçé vanille et fraises
Bretons aux fruits.
Mille feuilles á lá créme.
Compotes assorties.
Pâtisserie.

DESSERT

Café et liqueurs.

VINS

Madère, Collares, Médoc, Pommard, S. Julien, Porto, Champagne frappé.

Este serviço, profuso e apurado, foi fornecido por mr. P. Paul Bergamin, proprietario do acreditado restaurante da Pampilhosa, e que se esmerou notavelmente para que o banquete fosse, como foi, de primeira ordem em tudo. Correu na melhor ordem, e sempre animadissimo o jantar, para o que concorreram a affabilidade distincta dos donos da casa, e a respeitosa cordealidade de todos os convivas.

Ao champagne começaram os brindes, que foram muitos, todos enthusiasticos e alguns eloquentes. Basta dizer que por mais d'uma vez se fez ouvir, commovedora, fascinante, electrica, a eloquencia genial de Antonio Candido.

O primeiro brinde foi levantado pelo dono da casa a S. M. El-rei, como chefe supremo do poder, distinctissimamente representado alli pelo sr. conselheiro Veiga Beirão, a cujas eminentes qualidades de professor, de jurisconsulto, de parlamentar e de estadista prestou a merecida homenagem.

A este brinde respondeu o nobre ministro da justiça, saudando, com eloquentes palavras, a cidade de Aveiro.

Seguiram-se depois muitos outros, que é impossivel ennumerar com exactidão. Lembra-nos os seguintes, porque quasi todos foram brilhantes discursos:

Do sr. governador civil á familia real portugueza.

Do sr. Barbosa de Magalhães á cidade do Porto, distinctamente representada alli pelo sr. dr. Oliveira Monteiro, presidente do municipio portuense.

Do sr. Oliveira Monteiro ao sr. ministro da justiça.

Do sr. dr. Antonio Candido á mocidade portugueza, e ao sr. Fernando de Vilhena.

Do sr. Fernando de Vilhena ao sr. dr. Antonio Candido, ao sr. capitão do Porto, ao sr. conde da Borralha, e ao sr. conselheiro Albano de Mello.

Do sr. conselheiro Albano de Mello aos filhos do sr. conselheiro Manuel Firmino.

Do sr. Vilhegas ao sr. presidente do conselho e ao sr. dr. Castro Mattoso.

Do sr. dr. Castro Mattoso ao sr. conselheiro Manuel Firmino e ao sr. dr. Barbosa de Magalhães.

Do sr. Almeida Vilhena á imprensa.

Do sr. dr. Barbosa de Magalhães ao circulo d'Ovar, distinctamente representado alli pelo sr. dr. Cunha e Costa, presidente da camara municipal.

Do sr. Mello Mattos ao sr. conselheiro Adolpho Loureiro.

Do sr. Eduardo de Souza, do *Jornal de Noticias*, á familia Barbosa de Magalhães.

Do sr. director das obras publicas á ex.ma sr.a D. Maria José de Vilhena d'Almeida Maia e Magalhães.

Do sr. Marques da Costa, do *Jornal da Noite*, ao sr. Antonio Candido.

Do sr. Silva Pereira, do *Globo*, ao sr. dr. Barbosa de Magalhães.

Do sr. dr. Joaquim de Mello ao sr dr. Barbosa de Magalhães.

D'este ao sr. dr. Joaquim de Mello.

Do sr. Marques Gomes ao sr. governador civil.

Do sr. dr. Cunha e Costa ao deputado por Ovar.

Do sr. governador civil ao governo.

Do sr. Barbosa de Magalhães a todos os seus convidados.

Eram onze horas e meia da noite quando se levantaram da mesa.

Foi uma explendida festa, igualmente grave e intima, ceremoniosa e cordeal, official e familiar, que deixou no animo de todos as mais vivas e gratas impressões.

*

De tarde e á noite não houve coreto algum onde se ouvisse uma musica. Para só metterem vista achámos desnecessario, mas o caso é que só á noite e só na Praça do Commercio é que tocou a banda de infanteria 4. Estava muita gente no local e faziam um bello effeito as illuminações d'essa praça e Balcões.

— A' tarde a tourada correu pela forma da antecedente. Bastante gente mas pouca animação.

*

O passeio fluvial, que devia ser a parte mais interessante e mais bonita da festa, foi de tudo o que sahiu peior, por causa do vento desabrido que fazia. Eram 106 os barcos que entravam. Alguns conseguiram ainda chegar até á ponte da Gafanha, voltando os restantes muito antes de lá chegarem. A ordem do programma foi completamente alterada. Faziam a policia da ria, como dissémos, os barcos da Associação dos Salvadores, brilhantemente dirigidos pelo seu digno commandante, sr. Daniel de Barros, illustre capitão do nosso porto.

Quando o barco do sr. ministro da justiça sahia e entrava, a multidão rompia em vivas enthusiasticos a S. M. El-Rei, ao ministerio e aos amigos do governo. Tocou explendidamente a banda de infanteria 4.

A camara municipal mandou n'um d'estes dias de festa collocar no cunhal da casa de Mendes Leite, ás cinco ruas uma pequena lapide com a inscripção: Rua de Mendes Leite, e na antiga praça da Fructa a de Praça de Luiz Cipriano.

*

Terminaram as festas com o espectaculo de gala e com as brilhantes illuminações de quasi todas as ruas. Na Praça do Peixe, no Cojo, nos Balcães, na rua dos Mercadores, na de José Estevam e no Largo municipal estavam na verdade brilhantes, primando sobre todas pelo bom gosto e pelo admiravel effeito, a casa e loja do nosso excellente amigo sr. Francisco Elias. A tanoaria do Cojo, sobre a ria, produzia um effeito lindo.

— A' récita concorreu, como ao sarau, immensa gente. Estava a casa completamente cheia, a trasbordar, vendo-se nas plateias, nos camarotes e nas frizas as mais formosas toilettes e os mais formosos rostos. O espectaculo abriu com uma poesia recitada pelo sr. Eça Leal, a José Estevam, indo em seguida todos os actores-amadores coroar com flores e corôas o busto do grande tribuno, que se achava a meio do palco, terminando com o hymno, que foi ouvido de pé. E assim terminaram as magnificas festas, que Aveiro celebrou em honra do benemerito cidadão.

*

Em todos os tres dias a cidade apresentava um aspecto bonito. Nas ruas cordões e cordões de bandeiras e flores; na ria uma especie de floresta de mastros e trofeus agitados pelo vento e pelas pequenas ondulações do nosso Vouga.

Da janella das sr.as Figueiredos, sobre os Balcões, tirava photographias um empregado da casa Biel; sobre a ponte do Alboi havia outro photographo.

A' Praça do Peixe, na passagem da Camara, do grupo dos pescadores e do grupo dos salvadores, deram-se enthusiasticos vivas a estas tres corporações, queimando-se algumas dezenas de foguetes.

Em toda a parte a pequena fanfarra do Azylo Escola Districtal e o grupo dos salvadores eram saudados com palmas e vivas.

Depois da da Camara, que é um primor de arte, foi a bandeira dos salvadores a que mais deu na vista e a que mais apreciada foi. Na verdade, esta bandeira, além de ser formosissima, é devéras altamente significativa e bem sympathica a idéa que representa.

Ao meio dia distribuia-se o jantar aos prezos, dadiva das tricanas, a que assistiu pouca gente. Eram 11 os commensaes.

A Associação dos Empregados dos caminhos de ferro portuguezes fazia-se representar pelos srs. Augusto Cezar Pinto de Souza, Chrisostomo Mac-Onell e Pinto Saraiva, dignos engenheiros.

Dizia-se que se preparavam manifestações á maçonaria; nem as teve, nem Aveiro, que é profundamente catholico, lh'as permittiria.

N'esta noite o vento não permittiu que as illuminações se fizessem. Algumas casas, porém, abrigadas do norte, conseguiram ter as fronteiras illuminadas, sendo uma das mais bonitas a do sr. Francisco de Moura.

*

Estavam representados, nas festas, os seguintes jornaes: *Correio da Noite, Reporter, Dia, Jornal da Manhã, Soberania do Povo, Diario Illustrado, Tempo, Jornal de Noticias, Diario de Noticias, Movimento, Campeão da Beira, Correio da Manhã, Seculo, Debates, Lucta, Globo, Districto de Vizeu, Primeiro de Janeiro, Commercio Portuguez, Jornal de Santarem*, etc.

JOSÉ ESTEVÃO E PASSOS MANUEL

Passos Manuel e José Estevão foram os dois maiores tribunos que, em Portugal, nos tempos calamitosos das luctas civis, levantaram a sua voz eloquente e vibrante a favor das regalias do povo portuguez, e das gloriosas tradições da revolução de vinte.

Foram elles—esses dois sympathicos e luminosos vultos da nossa historia liberal—os primeiros que tiveram a coragem de, em pleno parlamento, fazer sentir a uma assembléa, em que predominava o elemento palaciano, ou antes, em que os poderes descricionarios dos validos da côrte impunham a sua vontade, o preceito democratico e altamente philosophico de Lamennais: —*A Soberania do Povo não é o direito de mandar, mas a sua plena liberdade, a sua independencia completa!*

Ambos, athletas da Liberdade, trabalharam, com o fogo e a energia que dá uma convicção profunda, pelo bem estar do povo, pela verdadeira soberania nacional, e ambos venceram n'essa lucta tremenda, sacrificando o seu socego, os seus bens, a sua vida.

Ambos, cobertos de gloria, abençoados pelas multidões, pranteados pela nação inteira falleceram em 1862; Passos Manuel em janeiro, ao abrir do anno; José Estevão, em novembro, ao findar, quasi no momento em que o eminente tribuno ia subir aos conselhos da corôa.

Estes dois grandes espiritos, estas duas brilhantes intelligencias apagaram-se de subito para sempre; estes dois homens extraordinarios deixaram de existir, mas a nação não os esqueceu, nem podia esquecel-os.

Em 24 de agosto de 1864 levantava-se na alameda de Mathosinhos, na margem esquerda do Leça, a estatua do eminente estadista Manuel da Silva Passos. Foi esse um grande dia de festa nacional.

Vinte e cinco annos depois—hoje, *12 de agosto de 1889*—ergue-se para as gerações vindouras, altivo e esplendoroso, na Praça Municipal da cidade de Aveiro, o monumento a José Estevão Coelho de Magalhães, o glorioso orador, o Mirabeau portuguez.

E, ao som festival das musicas, e, aos clamores jubilosos e enthusiastas d'uma enorme multidão, a bella e florescente cidade do Vouga paga hoje uma divida sacratissima ao seu filho dilecto, que é tambem a gloria e o orgulho de Portugal contemporaneo.

Lisboa 12 de agosto de 1889.

A. X. da Silva Pereira.

ATTENTADO

Mais uma vez alguns malvados de Cambra attentaram contra a vida do muito revd.º prior de Macieira.

Na noute de 9 do corrente foram arremeçadas duas bombas de dinamite sobre a residencia do virtuoso parocho, rebentando uma proximo da janella do quarto onde o sr. Tavares Coutinho descançava. E este segundo attentado praticou-se artisticamente, porque para produzir o effeito no ponto que se desejava, collocaram o projectil na extremidade d'uma vara comprida. A outra foi collocada na solleira d'uma das portas da casa, onde explosiu, destruindo as hombreiras, portas, e parte da parede.

E' positivamente inaudito!

A auctoridade superior do districto teve logo conhecimento do successo, e ordenou a mais severa syndicancia sobre o facto. A' auctoridade local, pois, cumpre pôr os meios de descobrir os auctores de tão punivel crime. E' já a segunda vez que isto acontece.

O sr. Joaquim Tavares d'Oliveira Coutinho é um ecclesiastico de bons costumes, muito grave e muito prestimoso, e é mais que isso, um parocho virtuoso—sendo talvez por isso que a preversidade o persegue por tal meio.

Confiamos em que a auctoridade saberá cumprir o seu dever, e que por isso justiça será feita.

NOTICIARIO

Notas da carteira.—E' impossivel mencionar todos os cavalheiros de distincção que honraram Aveiro com a sua visita nos dias das festas de inauguração. Citaremos dos que tivemos a honra de encontrar, os que nos occorrerem:

Jeronymo de Moraes Sarmento, veneranda reliquia da heroica legião dos bravos da liberdade, e um nobilissimo caracter.

José Estevão de Moraes Sarmento, um escriptor distincto, e uma das primeiras illustrações do exercito portuguez.

General Malaquias de Lemos, digniissimo commandante da 3.ª divisão militar.

General Souza Brandão, distincto engenheiro.

Conde da Borralha, digno par do reino hereditario.

Conselheiro Bento Fortunato de Moura Coutinho d'Almeida d'Eça, dignissimo director geral d'obras publicas e minas.

Augusto Luciano Simões de Carvalho, dignissimo director d'esta 2.ª circumscripção hydraulica.

Rocha Páris, dignissimo governador civil de Vianna do Castello.

Visconde da Torre, illustre deputado da Nação.

Dr. Antonio d'Oliveira Monteiro, digno par do reino, e benemerito presidente da camara municipal do Porto.

Visconde da Gandara.

Conde de Beirós, dignissimo administrador do concelho de Sever do Vouga.

D. José da Camara.

Conselheiro Albano de Mello, illustre deputado da nação, redactor da *Soberania do Povo*, e presidente da camara municipal de Agueda.

Dr. Antonio Pereira da Cunha e Costa, benemerito presidente da camara municipal de Ovar.

Dr. João d'Oliveira Baptista, dignissimo vice-presidente da mesma camara.

Antonio Soares Pinto, intelligente e illustrado administrador substituto do mesmo concelho.

Dr. Antonio Simões dos Reis, illustre deputado da Nação pelo circulo d'Oliveira d'Azemeis.

Daniel Ribeiro, dignissimo administrador do concelho de Oliveira de Azemeis.

Luiz de Mello Ribeiro Pinto, dignissimo contador e distribuidor da camara de Agueda.

Padre José de Mello, respeitabilissimo prior de Oyã.

Dr. José de Mello Freitas Pinto, dignissimo conservador da camara de Agueda.

Dr. José Maria de Albuquerque Tavares Lobo, meretissimo juiz municipal do concelho de Sever do Vouga.

Bernardino Maximo Alvares de Araujo e d'Albuquerque, benemerito presidente da camara municipal de Albergaria a Velha.

Francisco Barbosa do Couto Cunha Sotto-mayor, benemerito presidente da camara municipal de Estarreja.

José Maria Vilhegas d'Ortiz Pereira de Mello, dignissimo vice-presidente da mesma camara.

Commendador Joaquim Augusto Rodrigues da Silva, respeitabilissimo reitor de Sôza.

Jayme Clemente de Moraes Sarmento, dignissimo escrivão de fazenda d'um dos bairros do Porto.

Dr. Luiz Pereira do Valle, integerrissimo delegado do Procurador Regio da comarca de Lamego.

Dr. Henrique Ferreira, habilissimo advogado nos auditorios de Lisboa.

José Maria Verissimo de Moraes, distincto redactor e proprietario do *Noticioso*, de Valença.

Antonio Joaquim Leite Ribeiro.

Dr. Manuel Barbosa de Quadros, dignissimo conservador e advogado da comarca de Estarreja.

Samuel F. Baptitas, proprietario do *Elvense*.

Viscondes de Aguieira.

Bazilio Matheus de Lima, dignissimo escrivão de fazenda de Louzada.

Dr. Roberto Alves de Souza Ferreira, dignissimo presidente da camara municipal da Feira.

Regresso.—Regressou já á sua casa de Lisboa o nosso muito presado amigo o sr. José Estevam de Moraes Sarmento, tenente coronel do exercito e promotor de justiça militar na capital. O muito illustrado e muito distincto militar penhorou aqui muitos ainda não tinham o prazer de o conhecer e penhorou-os pelas maneiras cavalheirosas e affaveis porque a todos trata e captiva. Na estação, para despedir-se de s. ex.ª, estavam muitos dos seus parentes e amigos, a todos os quaes deixou saudades, que mal se extinguem.

Representação delegada.—As illustres municipalidades de Oliveira d'Azemeis, d'Albergaria, d'Arouca, de Cambra e de Paiva, encarregaram o sr. Manuel Firmino d'Almeida Maia, presidente da camara d'esta cidade, de as representar no cortejo que aqui se verificou em honra da estatua de José Estevam, e a este encargo satisfez s. ex.ª plenamente.

Rectificação.—Disse um collega nosso de Lisboa, em correspondencia transmittida d'aqui—que foram tres pessoas as que descobriram a estatua ou que pucharam a corda que prendia a bandeira que a cobria.

Isto é menos exacto. As cordas, com a oscilação do vento, embrulharam-se um pouco, e foi necessario que um dos membros da briosa corporação dos salvadores se désse ao trabalho de as desembaraçar para poderem depois correr—sendo então que o sr. coronel Jeronymo de Moraes Sarmento fez o serviço de descobrir a estatua, fazendo-o só, sem o auxilio de terceiro—auxilio que não precisava. Fica assim rectificada a noticia a que nos referimos e que motivou esta explicação.

Festa imponente.—E' no dia 20 a solemne distribuição dos premios no conceituado collegio de Santa Joanna d'esta cidade, com um programma variado.

Assistem ao acto o venerando prelado d'esta diocese, e muitos convidados, pois a cerimonia e a festa infantil tem logar n'um amplo salão. Promette ser explendida essa diversão, attenta a maneira soberba como decorreu ahi a primeira distribuição ha 2 annos. Daremos desenvolvida conta d'ella.

Candidatura commercial.—Parte do commercio do Porto, reunido alli em assembleia na manhã de hontem, resolveu apresentar pelo circulo de Villa Nova de Gaia, o nome do sr. Rodrigues de Freitas, com o caracter de deputado independente. O sr. Rodrigues de Freitas é o principal redactor do *Commercio do Porto*.

Trabalho no mar.—Não o houve nos primeiros dias da semana, mas tem-o havido desde quinta-feira. O resultado porém é o mesmo—pouca e insignificantissima pesca sem valor que compense a verba mais insignificante das muitas de que se compõe este ramo de serviço industrial. E o que succede aqui, succede em todas as costas do littoral do paiz, onde a pesca é pelo systema d'arraste. Mau anno—tão mau como poucos tem havido—dizem os velhos pescadores.

Incendio em Villa Nova de Gaia.—No dia 15 ás 10 horas da manhã rompeu incendio com grande violencia n'uma estancia de madeiras situada na calçada das Freiras, em Villa Nova de Gaia, pertencente ao sr. Manuel Alves Pereira da Silva. Arderam completamente a estancia, bem como a casa da habitação do dono e um predio denominado Vigaria, onde residiam os dois clerigos coadjutores da freguezia de Santa Marinha. Correram grave risco de incendiar-se um grande armazem cheio de madeira para pipas, pertencente ao commerciante sr. Miguel de Sousa Guedes, e parte do convento de Corpus Christi, chegando ainda o fogo a queimar os caxilhos e portadas das janellas.

Noticias de Braga.—Em 15.—Na reunião do centro progressista realisada hoje, e que esteve immensamente concorrida, foram unanimemente proclamados candidatos a deputados os srs. Alves de Moura, e commendador José Ferreira Magalhães. Foi votada unanimemente uma proposta do theor seguinte: «O centro progressista, reunido hoje em sessão, lança na acta um voto de louvor ao muito digno e illustrado governador civil pela muita dedicação e inquebrantavel zelo de que tem dado provas na administração d'este districto, muito principalmente pelos esforços empregados para conseguir o melhoramento importantissimo da avenida de Braga». Estiveram mais de 300 pessoas, das mais importantes do districto.

Noticias de Vianna.—Em 16.—Ha aqui grande enthusiasmo pela primeira subida de carros ao monte de Santa Luzia. Houve manifestação grandiosa ao sr. Manuel Espergueira. Subiram o monte doze carros, conduzindo o primeiro os srs. Espergueira, Rocha Páris e Goes Pinto. Enorme concurso de povo ladeava os trens levantando vivas enthusiasticos. Toda a cidade está em festa. Esta pequena estrada, conseguida pelos amigos do governo n'esta cidade, era ha muito ardentemente desejada mas nunca se conseguira. E' mais um beneficio de que o partido progressista é credor a Vianna. Bem haja elle.

Noticias de Famalicão.—Em 16.—esta povoação acaba de ser apavorada pelo envenenamento de 8 creanças, tres das quaes estão em perigo de vida. Ainda se não sabe a especie de veneno que lhe foi propinado, correndo diversas versões a esse respeito.

Transcripção. — E' da *Soberania do Povo* a seguinte noticia:

«O sr. dr. Abilio Pereira Pinto, administrador do concelho, chamou aos tribunaes o editor de uma gazeta que o tinha injuriado. O editor da gazeta, sabendo que estava marcado dia para decisão do processo, ausentou-se e andou pelo Porto a arranjar um testa de ferro. Diz-se que este foi já preso da Relação. Hoje era o dia destinado para o julgamento e lá appareceu uma declaração do tal testa de ferro, que o sr. juiz não acceitou por se lhe não poder attribuir imputação e responsabilidade criminal. Em harmonia com o despacho do digno juiz estão as resoluções dos tribunaes superiores. Ainda ha pouco tempo um jornal de Penafiel injuriou o sr. dr. Custodio Nunes Borges de Carvalho, prior da Lapa. Chamado ao tribunal, appareceu um testa de ferro. O juiz acceitou a responsabilidade do mercenario, mas o sr. prior da Lapa recorreu para a Relação do Porto, que lhe deu razão e mandou que fosse o editor quem tomasse a responsabilidade das injurias.

— Andam ladrões em Travassô. E' preciso que a policia proceda a constantes averiguações. No dia 4 d'este mez foi roubado o sr. Manuel Tavares Zanancho. Levaram-lhe mais de cincoenta mil reis em dinheiro. Antes tinham roubado a Maria Roza, filha de Domingos Mello, 2$000 reis; a Maria de Mattos, 1$500 reis, tendo os larapios voltado a casa d'esta ultima á procura de mais dinheiro. A Joaquim Feliciano furtaram 2$250 reis. A missão das auctoridades não é difficil, por que já se falla muito no nome do auctor dos furtos.

— Sebastião Antonio da Silva, de Oyã, estava, em um dos ultimos dias da semana passada, a rachar lenha. O machado resvalou para um dos pés e produziu-lhe um profundo golpe. Quasi lhe ia separando o pé. O homem está bastante mal, mas recusa-se a mostrar o ferimento a qualquer cirurgião. Elle mesmo é que se trata e cura. Tem a mania de embirrar com os medicos.

Na terça-feira, Joaquim de Oliveira, tambem de Oyã, quasi decepava a mão esquerda com uma fouce, com que andava a cortar caneira em um palhal junto á ponte do caminho de ferro no Pano. Ficou muito maltratado e ferido.

— Deve começar no dia 24 a inspecção sanitaria dos mancebos recenseados para o serviço militar na comarca d'Agueda. A respectiva junta funccionará n'esta villa. E' composta pelos srs. major Quintino, de cavallaria 10; Vicente Ferreira dos Santos, cirurgião-mór de infanteria 10, e Abilio d'Albuquerque, cirurgião ajudante de cavallaria. A junta funcciona agora em Oliveira d'Azemeis.

Aggressões aos jornalistas de Braga.—Diz o *Commercio do Minho*, folha de Braga:

«Desde que se effectuou o assalto á redacção do *Commercio do Minho*, varios jornalistas teem sido tosados n'esta cidade. Debaixo da arcada um individuo puxou as orelhas ao correspondente d'um jornal do Porto, tendo o correspondente de se defender com a bengala. Na rua de Santo André, o sr. Gustavo de Figueiredo, noticiarista do *Universal*, foi aggredido por um individuo, que lhe assentou algumas bastonadas. Na rua de Santa Margarida, o sr. João José Alves de Araujo, correspondente do *Primeiro de Janeiro*, foi assaltado uma d'estas noites, sendo covardemente aggredido. Finalmente, o sr. Abilio Maya, correspondente do *Jornal da Manhã*, foi na noite de quinta-feira perseguido por um individuo que o queria espancar, o que não conseguiu, porque o nosso collega denunciou á policia o perseguidor. De maneira que, com o assalto a este jornal, iniciaram-se as aggressões á imprensa local, e temos innegavelmente o cacete arvorado em argumento. O remedio, collegas, é armarmo-nos de solida navalha de ponta e mola, e de meia duzia de balas acantonadas em magnifico rewolver inglez. Está provado que só este meio offerece segurança ao jornalista que vive com gente tão *civilisada*.»

Diz isto o jornal de Braga e para fallar assim lá tem as suas razões.

Caminho de ferro de Vizeu.—Parece que só para o fim do proximo anno estará funccionando o caminho de ferro do ramal de Vizeu; na parte comprehendida entre Santa Comba e Tondella. Parece-nos porém, que tal esperança se não realisará porque os trabalhos estão atrazados. Actualmente trabalha-se com afan na ponte sobre o Dão, estando quasi concluido o encontro da margem esquerda e começado o da direita. Os dignos empreiteiros teem sido incansaveis em activar os trabalhos, mas a falta de braços e especialmente a morosidade das expropriações tem obstado a que os trabalhos avancem na proporção dos seus desejos.

Despachos de justiça—Fizeram-se os seguintes:

José dos Martyres Salgado Dias, arbitrador na comarca de Villa Franca de Xira, transferido, como requereu, para a comarca de Lisboa.

José de Figueiredo Pereira Ribeiro, declarada sem effeito, como requereu, a sua nomeação para arbitrador na comarca de Tondella.

Francisco Antonio Ferreira, declarada sem effeito, como requereu, a sua nomeação para arbitrador na comarca de Villa Nova de Fozcôa.

Contra a vaccina.—No proximo mez deve reunir-se em Paris o congresso dos anti-vaccinadores. Estes sujeitos formam uma liga cuja séde é em Charleroi. A conclusão que será submettida ao voto dos congressistas, é a seguinte: «A liga dos anti-vaccinadores, convencida que é a hygiene e não a vaccina que faz desapparecer as bexigas, reclama a liberdade da vaccinação e da revaccinação, e a abolição de toda e qualquer imposição legislativa ou administrativa a este respeito.»

Reformas militares em Hespanha.—O ministro da guerra da Hespanha fez uma reforma importante no seu ministerio, com a economia importante de 7.271:442 pesetas. Supprime as direcções independentes das differentes armas, concentra-as em cinco direcções do ministerio da guerra, e cria inspectores geraes de engenheria, artilheria, cavallaria e infanteria. Nas suas reformas, o general Chinchilla creou uma classe de officiaes supranumerarios sem soldo. Estes officiaes ficam pertencendo á reserva gratuita e podem exercer empregos do estado ou particulares ou dedicar-se a quaesquer trabalhos e occupações, que sejam condignos da sua posição militar. Podem viajar livremente por Hespanha ou pelo estrangeiro, mas devem apresentar-se ás auctoridades militares dos pontos por onde transitarem ou aos representantes officiaes do estado. A esta classe de supranumerarios passam os officiaes do exercito activo que o requeiram.

Confraternidade academica.—Uma numerosa deputação de estudantes da universidade de Athenas foi entregar uma felicitação ao sr. Géry, secretario da legação franceza, por occasião da inauguração da nova Sorbonne. Os estudantes hellenos que seguem cursos em Paris delegaram oito de entre elles para assistirem á ceremonia da trasladação dos heroes republicanos para o Pantheon. Tendo ido a casa do ministro da Grecia, este entregou-lhes, um oendão com a seguinte inscripção:

Os estudantes hellenos a Paris.

A telegraphia em tempo de guerra.—A França havia, desde a guerra de 1870, regularmente organisado um completo serviço de telegraphia militar, creando-se as companhias especiaes de telegraphistas e organisando-se além d'isso um bom serviço de telegraphia optica. N'esse ultimo ramo, porém, M. de Freycinet, actual ministro da guerra, acaba de introduzir um importante melhoramento, organisando em todos os regimentos de cavallaria uma secção de cavalleiros telegraphistas, afim de, mesmo durante os reconhecimentos, a força em acção estar o mais possivel directamente ligada aos commandantes dos corpos, brigadas, ou divisões a que pertençam.

CAMINHO DE FERRO DO VALLE DO VOUGA

A *Aurora do Vouga*, no seu n.º de 4 do corrente, transcreve da *Provincia* um bem elaborado artigo, que muito de interesse nos parece, tanto pelo assumpto em geral, como, principalmente, por ser favoravel aos melhoramentos da nossa terra.

Trata do caminho de ferro do Valle do Vouga e, aprovando a idéa de que elle tenha um dos seus *terminus* em Aveiro, aponta ao mesmo tempo as vantagens de que poderão gosar as localidades por onde tem de passar aquella importante via. Nós, por dever e por amor patrio, temos sempre acompanhado este assumpto. Por isso nos apressamos a extractar esse artigo da *Provincia*, como temos feito a todos os que temos podido obter e que sejam favoraveis ao mesmo assumpto. Temos porém de fazer-lhe uma rectificação importante quanto ao entroncamento em Espinho. Quanto a nós, esse entroncamento é um erro, e uma injustiça para a importante villa de Ovar. Sómente em Ovar deve ter o seu entroncamento d'essa via ferrea, o ramal do norte, assim como sómente em Aveiro póde entroncar o ramal do sul. Sem o ramal de Aveiro, este caminho de ferro não seria do Valle do Vouga. Sem o ramal para Ovar, este caminho de ferro terá a sorte do da Beira Alta, que veio morrer á Pampilhosa. O movimento ficticio de Espinho na epocha balnear reduziu o concessionario, e Ovar o grande centro de população, e de commercio foi preterido. Temos porém fé que este engano não ha de durar muito. E feita esta indispensavel modificação ao artigo a que nos referimos, vamos transcrevel-o, assim como transcreveremos tambem, logo que tenhamos espaço, os magnificos artigos do *Ovarense* sobre este importantissimo assumpto, e para os quaes chamamos desde já as attenções dos que intervém ou teem de intervir na construcção e exploração d'essa linha.

*

CAMINHO DE FERRO DO VALLE DO VOUGA

A *Provincia* publicou, ha dias, sob a epigraphe que adoptamos, o curioso artigo que gostosamente reproduzimos nas columnas da nossa folha.

Annuncia que se trabalha activamente na organisação da companhia que deve proceder á construcção e exploração d'esta linha ferrea, a qual, sem duvida alguma, tem deante de si um largo futuro.

Em seguida fornece-nos alguns esclarecimentos ácerca da sua directriz e traçado e por elles se póde formar uma idéa da sua importancia e dos beneficios que resultarão, para o paiz e em especial para a região atravessada, da construcção e exploração d'esse caminho de ferro.

A distancia do Porto a Mangualde, pela Pampilhosa, é de 182 kilometros; e do Porto a Mangualde pelo Recarei os mesmos 182 kilometros; e do Porto a Mangualde por Espinho e Vizeu 140 kilometros; sommando estes 140 com 50 que vão de Mangualde a Villa Franca das Naves, fica a distancia do Porto a Villa Franca das Naves de 192 kilometros; emquanto que do Porto pela Regoa á mesma Villa Franca a distancia passa de 200 kilometros. Portanto, o caminho de ferro de Espinho, ao qual só falta o complemento da parte de Vizeu a Mangualde, cujo pedido está mantido, e que ainda que fosse feito por outros dava o mesmo resultado para alimentação d'este, realisa a maior das vantagens, que é a de ser a mais curta distancia do Porto para Vizeu por Mangualde, para a Guarda e Covilhã, emfim para quasi toda a Beira Alta e Baixa.

A linha atravessa, a partir de Espinho, ponto importante de concorrencia balnear, os concelhos de Feira e Oliveira d'Azemeis, notaveis pela sua riqueza agricola e industrial; toca no de Macieira de Cambra, importante pelos seus productos agricolas, creação de gado bovino, e fabricação da manteiga; lança-se na região mineira do concelho de Sever, e segue pelo Valle do Vouga desde Sever, servindo uma região de população densa e de fertilidade agricola, com elementos para um grande desenvolvimento, pois basta dizer que, no ultimo anno, os tres concelhos de Oliveira de Frades, Vouzella e S. Pedro do Sul produziram perto de trinta mil pipas de vinho.

O traçado entre Vouzella e Vizeu, deve seguir por cima das Caldas do Banho (uma das melhores da Peninsula, e talvez uma das mais abundantes), passa por baixo de Figueira do Douro e por cima de Negrellos, em frente da villa de S. Pedro do Sul, d'onde depois tem de seguir o entroncamento do caminho de ferro do Valle de Paiva para o Douro. E finalmente segue por Mossamedes a entroncar no ramal de Vizeu em Torre-Deita. Fica assim o caminho de ferro do Valle do Vouga a dar o tronco para o movimento do Douro para Santa Comba Dão e Pampilhosa, e a ganhar todo o movimento mais importante da rede de caminhos de ferro de via estreita, que tem de se completar entre as tres linhas de via larga, a do Norte, a do Douro e a da Beira Alta.

Quanto á ligação de Aveiro, com este caminho servem-se os concelhos de Agueda e de Albergaria, e as relações importantissimas do districto de Aveiro com o de Vizeu, em que se torna notavel o que o littoral e a ria de Aveiro fornecem para o interior, e o que o interior lhe retribue em productos para consummo, e até em grande copia de materiaes para construcção.

O caminho de ferro do Valle do Vouga, com a sua bifurcação para Aveiro, que agora foi concedida, tem, como nenhum outro um futuro garantidissimo, devendo dar grandes interesses á companhia que o explorar.

F.»

Já haviamos escripto o que ahi fica e mandado transcrever o substancioso artigo da *Aurora do Vouga*, quando, por acaso, nos chegou ás mãos o *Commercio do Porto* de 1 do corrente, onde vimos um communicado do sr. George H. Hastings, do Porto, em que elle quer provar, não só que a idéa de tal obra é iniciativa sua, mas que elle tem direitos a ser preferido em qualquer contracto, muito embora o seu traçado tenha algumas variantes.

Eis o communicado:

O CAMINHO DE FERRO DO VOUGA

Na *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, de Lisboa, em data de 21 de julho corrente, lê-se o seguinte:

«A ideia de se construir uma linha ferrea no Valle do Vouga, foi apresentada pela *primeira* vez pelo sr. engenheiro Mendes Guerreiro, na sua memoria lida na Associação dos Engenheiros Civis Portuguezes, na sessão de 14 de abril de 1887.»

Peço licença para rectificar essa noticia, pois eu em 24 de agosto de 1881 entreguei ao ex.mo sr. Hintze Ribeiro, então digno ministro das obras publicas, o seguinte requerimento, confirmado e ratificado por diversas vezes, sem obter deferimento pelas razões que se deduzem da carta abaixo transcripta.

Cópia do referido requerimento

«Senhor: — George H. Hastings, negociante britannico na cidade do Porto, vem respeitosamente requerer a Vossa Magestrde a concessão da construcção e exploração, pelo espaço de noventa e nove annos, de uma linha ferrea que, partindo de Mangualde, tenha o seu *terminus* em Ovar ou Estarreja. O supplicante, ou a empreza a que elle transfira os seus direitos e obrigações, obriga-se a construir esta linha sem subvenção, ou garantia de juro do capital empregado, e sujeita-se a todas as clausulas equitativas que o governo de Vossa Magestade haja por bem impôr-lhe, em harmonia com o que se tem feito com concessões de identica natureza.

Portanto o supplicante pede a Vossa Magestade haja por bem conceder-lhe o que requer, a bem dos interesses dos povos que esta linha vai atravessar e servir.—E. R. M.—Porto, 24 de agosto de 1881.—*George H. Hastings.*»

E em 31 de janeiro de 1889, sendo o sr. conselheiro Emygdio Navarro o digno ministro, entreguei cópia d'esse requerimento, protestando contra a concessão ser dada a outrem, como constava pelos jornaes, e em 19 do corrente julho escrevi ao ex.mo sr. Eduardo José Coelho, actual ministro, queixando-me da injustiça que me seria feita se os meus direitos fôrem postos de parte, não obstante os documentos valiosos que posso apresentar em abono da minha prioridade em querer ligar o Porto com o Valle do Vouga, Vizeu e Mangualde, e por esperar que me faça a justiça ainda, faço esta publica declaração.

Porto, 29 de julho de 1889.

George H. Hastings.

*

Nós confiamos no patriotismo do governo, na sua prudencia e na sua illustração. Por isso cremos, que ha de remover os embaraços, que possam surgir á iniciativa de tão util empreza, evitando assim, que alguem, ou por capricho ou por interesse, venha tolher o que tanta gente deseja ver em breve realisado.

Tambem esperamos, que o governo ha de sanar quaesquer difficuldades e evitar uma questão, que, por longa e dispendiosa, póde obstar áquella realisação. Custa a crer, como se passaram quasi oito annos, sem que o governo désse resposta ao requerimento do sr. George Hastings e que este deixasse passar todo aquelle tempo sem sollicitar o competente despacho e sem advogar os seus direitos, sendo publico e notorio, que o governo, já de ha muito, se occupava de acceder aos desejos dos povos, que lhe pediam este melhoramento, como era ha muito publico e notorio, que uma empreza se propunha leval-o a cabo.

Deixar correr o tempo, deixar pedir a concessão, deixar que uma empreza a obtenha, e só agora vir o sr. Hastings reclamar os seus direitos, parece coisa bem digna de notar-se. No entanto, não diremos que elle não tenha razões para queixar-se.

Ao governo compete decidir. E cremos que o ha de fazer de modo que nem as partes fiquem agravadas, nem o publico fique prejudicado com a demora da realisação do caminho de ferro do Valle do Vouga.

A SITUAÇÃO POLITICA NO PORTO

E' do nosso collega *A Provincia*, de 9, o seguinte artigo:

«Sob a presidencia do dr. Antonio d'Oliveira Monteiro, reuniu hontem, na sua casa da rua do Laranjal, a assembléa geral do centro progressista. O fim da reunião era preencher as vagas da commissão executiva, dadas pelo fallecimento ou pela deslocação de alguns dos seus antigos membros. Por proposta do nosso presado amigo, sr. A. J. da Silva Teixeira, unanime e enthusiasticamente aclamada pela assembléa, a referida commissão ficou assim composta:

Presidente—dr. Antonio d'Oliveira Monteiro.

Vice-presidente—conselheiro Antonio Ribeiro da Costa e Almeida.

Secretarios—Augusto Chaves d'Oliveira e João Baptista de Lima Junior.

Vogaes—conselheiro Arnaldo Braga, Francisco José d'Araujo e Manuel Francisco Moreda.

A esta commissão, de que são presidentes honorarios os conselheiros Adriano Machado e Correia de Barros, foi dado um voto de confiança para completar a commissão consultiva do partido, á qual pertencem todos os presidentes dos centros de freguezia.

A reunião esteve concorridissima. Todos os elementos do partido, que são numerosos e valiosissimos, ahi se achavam congregados por uma perfeita unidade de vistas e de propositos. A situação politica no Porto está incontestavelmente solida e inabalavel. Não ha dissidencias, nem sequer ligeiras discordancias. A todos anima o mesmo pensamento e o mesmo desejo de auxiliar, com as mais inequivocas manifestações de confiança politica, o chefe do partido e do governo, para que elle possa realisar, com desafogo e largueza, as generosas aspirações do partido a que preside.

Se alguma cousa se tem feito; se a crise aguda do thesouro foi debellada e se iniciaram as mais urgentes providencias reclamadas pela economia do paiz—muito e muito resta ainda fazer, para que se esclareça completamente o horisonte financeiro, que o sr. Hintze Ribeiro deixou coberto de nuvens sombrias, e para que se restaurem as forças da agricultura e da industria, aniquiladas pelo livre cambismo do sr. Serpa Pimentel.»

Do que acaba de lêr-se conclue-se que a mais cordeal confraternidade liga *o partido* progressista do Porto.

A GREVE DOS CHAPELLEIROS NO PORTO

E' da *Provincia* o seguinte artigo:

«Reabriram hoje as officinas da Real Fabrica Social, entrando todos os antigos operarios. Nos estabelecimentos dos srs. Simão Esteves d'Almeida Nazareth e José Monteiro da Cunha já tambem se trabalha regularmente. Dentro em poucos dias teremos, pois, em exercicio normal uma das mais importantes industrias d'esta cidade. Terminado o conflicto, parece-me conveniente dizer algumas palavras ácerca das suas causas e das providencias que para as debellar urge pôr em pratica. Em nossa opinião, as causas da gréve, a que acabamos de assistir, são variadas e de variada natureza. O mal estar real dos operarios, que do trabalho não auferem a remuneração sufficiente para viverem n'uma cidade, alimentando-se e vestindo-se segundo os usos e habitos da respectiva profissão, usos e habitos que chegam a constituir uma verdadeira necessidade; a insufficiente e mal dirigida instrucção da maioria, que lhes permitte a leitura de todas as diatribes revolucionatias mas nunca a comprehensão de quaesquer doutrinas sociaes; a vaga aspiração de melhor fortuna e a inconsciente adolação de todos os meios para a alcançar, porque a falta absoluta de educação civica lhes não permitte o conhecimento dos seus direitos e ainda menos dos seus deveres: eis as causas geraes e sufficientes da rebeldia, que ha muito se nota na classe dos operarios chapeleiros, e que os teem levado a demasias de procedimento bastante condemnaveis, porque offendem as leis sem vantagem alguma para a resolução do seu problema.

O meio de resolver radicalmente o assumpto seria uma equitativa elevação nos salarios, de modo que os trabalhadores podessem voltar á vida desafogada de outras epochas; e ao mesmo tempo a creação de escholas de instrucção geral e profissional, em que o espirito do trabalhador se educasse, de modo a repellir as doutrinas subversivas, que a miseria facilmente acceita.

A escholа, ao lado da officina, habilmente dirigida, completaria os melhores serviços que o estado, de accordo com os patrões, poderia prestar aos operarios, afastando-os da taberna e dos antros de corrupção para onde actualmente os arrasta o desgosto e a miseria. A tudo isto, porém, que seria optimo, oppõe-se invencivelmente d'este caso especial a situação da industria, situação creada pela fatal politica livre cambista que tem por coripheu o sr. Antonio de Serpa.

A concorrencia estrangeira, invadindo os mercados do paiz, obsta a que os emprezarios industriaes, obrigados aos maximos sacrificios, uzem para com os operarios da largueza e da generosidade a que elles tem direito. Olhe-se, pois, com boa vontade para este assumpto importantissimo. Estude-se cuidadosa e profundamente a situação da industria de chapellaria e de todas as outras; faça-se a serio um largo inquerito, e preparem-se os poderes publicos para reformar as leis aduaneiras n'um sentido patriotico. Habilite-se o governo a denunciar opportunamente os tratados de commercio, que arruinam a economia do paiz, e não ajuste novos convenios sem que tenham sido tomadas na conta que merecem as reclamações da industria e dos operarios.»

Plenamente d'accordo com o nosso estimado collega portuense, felicitamos os industriaes e os grévistas, por ter terminado, finalmente a situação desagradavel em que as circumstancias tinham collocado aquella honrada classe.

POLITICA INTERNACIONAL

A triplice alliança procura satellites, quer attrahir á sua orbita enorme a Inglaterra e a Hespanha. Chama-se uma obra de paz a sua alliança de guerra!

Parece que a visita de Guilherme II á Grã-Bretanha não foi simplesmente um acto de cortezia ou um capricho de *touriste*, como se disse; mas um desmentido solemne, propositadamente solemne, de certos boatos politicos ácerca da frieza de relações entre os governos da Allemanha e da Inglaterra.

O allemão e o inglez odeiam-se singularmente, John Bull não esquecerá nunca o teutão altivo que lhe levou a Angra Pequena, a despeito de todos os seus delicados protestos; o marquez de Salisbury hade sentir-se humilhado pela tutela de Bismarck, o principe de Galles, o futuro imperador das Indias não é um affeiçoado de Guilherme II, o imperador da Germania; o chanceller de ferro detesta intimamente esse cetaceo gigante, que se chama na politica a Grã-Bretanha, e que é no mar e no mundo um poderosissimo imperio.

Mas o urso moscowita é maior ainda que a baleia britannica, e não ha remedio senão erguer um dique de nações entre a avalanche immensa dos cossacos e a onda ululante da *revanche*.

Mascaras afiveladas no rosto, despeitos e rancores amordaçados na consciencia. Na Africa está a grandeza, mas na Europa está a propria vida. Que valeriam alguns milhares de kilometros quadrados do sertão negro para um imperio em ruinas? O que importaria a região dos Lagos no dia em que os cavallos semi-selvagens do Don relinchassem nas ruas de Bombaim e de Calcuttá, ou em que a lança dos cossacos ferisse de morte a nova Germania e a obra colossal de Sadowa e Sédan calhisse n'uma derrocada enorme? As antigas nacionalidades desconjuntar-se-hiam como os blocos de um monumento que se allue.

*

A Allemanha e a Inglaterra approximam-se. Comprehende-se e está confessado. Precisam um do outro, completam-se, o maior imperio militar do mundo e o mais poderoso imperio dos mares. A Grã-Bretanha precisa de quem não deixe que a Russia se encaminhe tranquillamente para a India, e a Allemanha carece de quem não deixe que a esquadra franceza chegue ao Baltico e domine no Mediterraneo.

A tremer da Russia, a Turquia encosta-se á triplice alliança. Olhos fitos n'aquelle espolio, ambição estimulada por aquella partilha, a Allemanha, a Austria e a Inglaterra afagam a alliança d'aquella enorme decropitude.

A aguia dos czares não pousará ovante sobre os minarêtes de Constantinopla, a Austria receberá n'um retalho do imperio ottomano a compensação do que houver cedido á aspiração *irredentista* da Italia e a Inglaterra encontrará mais algum pedaço da Asia que lhe convenha.

E' preciso levantar uma muralha de esquadras e de soldados entre a França, a segunda potencia naval do mundo, e a Russia, o maior imperio da terra. E' necessario evitar o contacto estrategico entre o zuavo e o cossaco, entre sete milhões de soldados com sete milhares de canhões, entre a Russia e a França.

Mascaras no rosto e um véu sobre as amargas reminiscencias.

O imperador da Germania é almirante honorario da armada britannica, a imperatriz das Indias tem um posto de honra no exercito allemão. Salisbury será um collaborador de Bismarck, como Crispi.

Emquanto os chefes dos dois imperios permutavam cumprimentos de subito affecto, o filho do chanceller de ferro conferenciava com o primeiro ministro da Grã-Bretanha.

*

Temos a Europa dividida em duas grandes allianças. Dizem que este agrupamento de nações é uma obra de paz. Será hoje, mas representa uma accumulação de perigos para o dia de ámanhã. Quanto mais se agrupam, mais se armam e quanto mais se armam, mais compromettem o futuro da civilisação.

A fumaceira das salvas de Spitheade foi adensar-se sobre as nuvens, que se acastellam no horisonte europêu.

O dia do conflicto dará para a historia uma enorme pagina de lucto e o dia da grande partilha será para a civilisação uma affronta immensa de iniquidades.

A Hespanha approximou-se da Inglaterra e diz-se agora abertamente que a Italia dá ao seu novo representante em Madrid, um general illustre, a missão de attrahir a monarchia hespanhola á triplice alliança.

E' preciso procurar quem obrigue a França a uma perigosa dispersão de forças, é necessario completar o assedio, apertal-a entre os Vosges, os Alpes e os Pyrineus, bloqueal-a na Mancha e no Mediterraneo.

Por que preço e com que objectivos especiaes se contratam e realisam estas allianças?

Quem é por nós? Quem é contra nós? Não irão reflectir-se na Africa estes conluios da Europa?

*

Lembram-se do preço dos quarenta mil soldados hespanhoes, que a França pedia á Hespanha nos dias angustiosos de 1870?

Bismarck esquecerá os sessenta couraçados da Grã-Bretanha para ratificar com o seu apoio moral o mappa *côr de rosa* do tratado de 1886?

Realisa-se a conferencia de Bruxellas, um pretexto insidiosamente humanitario para a partilha do continente negro? Vae á conferencia a triplice alliança com todos os seus satellites?

Vae, provavelmente. E nós, sósinhos? E nós com quem?

Pensou, reflectiu n'isso o governo? Deve ter comprehendido que é mais perigosa a tranquillidade illudida do que o isolamento prevenido.

Temos muito mais medo dos conluios de uma conferencia europeia, do que das hostilidades de uma ambição poderosa.

E' preciso attentar n'esse jogo complicadissimo dos interesses e das ambições europeias.

Repare o governo como se joga. Segure bem as nossas cartas, não as largue da mão antes de tempo, faça que contem com ellas; não as deixe annullar, que ainda pódem valer muito n'um lance difficil.

Previnâmo-nos para jogar tambem. Será absurdo suppôr que não contam comnosco.

Ao menos, têem tido a imprudencia de combinar o jogo em voz alta, e sabemos já o que lhes convém ganhar.

Estamos avisados. Estejâmos tambem prevenidos.

CARTA DE LISBOA

15 DE AGOSTO DE 1889.

Tem a imprensa periodica narrado varios casos, que mostram evidentemente que o Brazil já não é uma mina d'onde facilmente se extraia dinheiro, como muitos imaginam, mas que pelo contrario a vida alli é custosa, e que uma grande maioria dos que para alli vão dominados pela ambição da riqueza, vivem lá muito mais miseravel e penosamente do que aqui; pois ainda assim, não vae a policia do porto a bordo de qualquer paquete que esteja para seguir viagem para o Brazil, que não detenha alguem que queira emigrar clandestinamente. A bordo do paquete que saiu ha dias foram presos Casimiro José de Moraes, de 36 annos, natural de Val Passos, e Antonio Tapada, de 22 annos, natural de Villa Real, por tentarem seguir viagem sem irem munidos dos documentos legaes.

— O governo vae mandar vir da Allemanha dois professores para leccionarem, durante cinco annos, as aulas de rebeca e piano no conservatorio.

— A cidade da Guarda está cheia de doentes tuberculosos que pretendem restabelecer-se na Serra da Estrella. Ha porém grande falta de casas na Serra; existem algumas em construcção, mas não poderão ser habitadas se não d'aqui a mezes. E' triste a situação dos pobres doentes, posto que muitos d'elles tenham experimentado grandes melhoras mesmo na cidade.

— Parece que está a sair do prélo um projecto de ordenança da tactica de cavallaria, escripto pelo sr. coronel de cavallaria 3, Palma Velho, official que prestou importantes serviços na Africa e commandou a expedição para a tomada de Tungue.

— Foi já nomeado o pessoal necessario para a restauração do castello d'Obidos, que sua magestade a rainha, a quem elle foi offerecido pela camara, tenciona repôr no seu estado primitivo. O projecto dos trabalhos é elegantissimo, obedecendo em absoluto á architectura estabelecida.

— Succedeu aqui ha dias um caso notavel: um novo casamento simulado. Um collega nosso d'aqui narra-o do seguinte modo:

«Foram hoje ao commissariado os noivos e a mãe, a peixeira Maria Henriques. Manuel da Fonseca declarou que quem tinha arranjado os papeis fôra um tal Teixeira, com agencia na rua da Prata, pela quantia de 7$000 reis, e que o padrinho fôra Manuel Simões; mas instado disse então que elle se chamava Manuel de Souza Neves. A madrinha contou ella que a havia arranjado á propria hora do casamento, a qual tem uma taberna á rua de S. João da Praça. A mãe quando entrou no gabinete do commissariado, exclamou: «o meu homem perdôa a todos, e está tudo acabado.» Compareceu em seguida o pae supposto, que fôra chamado a sua casa em Arroyos. E' elle Manuel Gonçalves Novo, por alcunha o *Estanhado;* é um perfeito typo de saloio boçal. A's perguntas que o commissario lhe fez, respondeu que ha muito tempo conhecia o pae e a mãe da rapariga.

«Como foi então que você tomou o logar de pae? perguntou o commissario.

«A mãe da Anna foi a minha casa quarta-feira á noute, contou elle, e disse-me que a filha casava no dia seguinte pela manhã na egreja da Sé, e que elle havia de lá ir, e dar o nome de José Fernandes Gomes, de edade 60 annos, e a naturalidade de Fermelã, concelho de Estarreja. E assim fez. Combinaram então a reunir-se no largo da Sé.

A rapariga declarou que não conhecia o padrinho o *Estanhado*; que só o vira na occasião do casamento, porquanto sua mãe é que tinha ido fallar-lhe e arranjado o pae de emprestimo. O commissario mandou então chamar o padrinho Manuel de Souza Neves, morador tambem em Arroyos, que não póde comparecer por estar ausente na Charneca. Um parente do padrinho assassinou ha tempos um parente do pae da noiva, pelo que foi condemnado a degredo por 15 annos. Entrou então em seguida José Gomes, o verdadeiro pae. Constando ao commissario que o genro em tempos o houvera aggredido com soccos, interrogou-o a este respeito, ao que elle exclamou raivoso:

«Genro, qual genro: elle nunca o ha de ser: o que elle é, é um grande maroto, que roubou a minha filha. Não quero genros d'aquelles.

Mas elle é um bom rapaz, interrompeu o commissario.

«Olhe, eu antes queria ver a minha Anna com quatro filhos, cada um de seu pae, do que a ver casada com aquelle maroto.

«Ha quanto tempo assassinaram seu irmão?

Haverá uns 11 annos.

«E que parentesco tinha seu genro com o assassino?

Não lhe chame meu genro, que elle não o é. O resto não sei.

Scena final; assistiu a parte dos interrogatorios o prior da Sé, reverendo João Fernandes Sampaio, que no fim, chegando-se ao pae da rapariga, com verdadeira uncção evangelica o exhortou que perdoasse á filha, e se conciliasse com os dois, mostrando-lhe as consequencias da sua obstinada teimozia, por quanto elle era rapaz honesto, e trabalhador, e o casamento estava legal, e que, ainda que elle não quizesse, o Manuel Fonseca era seu genro.

Não diga isso sr. prior, exclamou o velho leiteiro.

«A muito custo se conseguiu o perdão do pae, e foi chamada a rapariga, que ajoelhando debulhada em lagrimas a seus pés lhe pediu a benção, que o pae lhe deitou, dando-lhe a mão a beijar. O prior disse então á rapariga que se levantasse, e ao pae que abraçasse a filha, ficando tudo perdoado, o que elle fez. O reverendo prior em duas palavras fez-lhes uma predica, ao que o pae, olhando para a filha, respondeu:

«Bem, está tudo perdoado; mas olha rapariga que eu quero para cá o meu oiro que te dei.»

Da miseravel exigencia riram-se todos e assim terminou a questão.

— A guarda fiscal continua a guarnecer as fabricas de moagem, tendo vindo pessoal da *provincia* para este serviço. Ha bastante procura de trigos nacionaes molares, e os lavradores já pedem por elles a 60 reis o kilo. Uma casa commercial de Lisboa está fazendo compras avultadas, constando que vae estabelecer 16 depositos fiscalisados.

— Foram apresentados nas egrejas: de S. Thomé de Travassos, concelho de Fafe, o rev. Joaquim José da Cunha; e na de Nossa Senhora da Graça, da Villa da Egreja, concelho de Satam, o rev. Annibal Ribeiro Neves Mattos Viegas.

Y.

CARTA DE FOZCOA

12 DE AGOSTO DE 1889.

Quando os regeneradores d'este concelho, esperavam anciosamente que o tribunal administrativo d'este districto, approvando as contas da camara, impozesse grande responsabilidade aos vereadores pela sua gerencia de 1888, quando tudo estava a postos para observar a derrocada geral que ameaçava a estrada de Cedovim ao Vezuvio, estrada de tanta fadiga e desespero para os regeneradores, eis que o tribunal administrativo approva as contas da camara com todas essas illegallidades que os srs. Julio de Moura e Marçal Chiote apontavam, não se importando com a sua reclamação nem com as allegações gratuitas exaradas na mesma. Foi um golpe em cheio, realmente. O tribunal condemnou apenas a camara na quantia de 1433000 réis por alguns mandados não se acharem devi-

damente legalizados. Logo que a camara, apresentando esses mandados com as formalidades exigidas pelo tribunal, reclamar com esse fundamento, certamente será attendida como é de justiça. A unica quantia que não poderá ser attendida é a de 29$760 réis paga ao fiscal de cantoneiros. E' uma pequena quantia que dividida por todos os vereadores, facilmente será satisfeita. Folgamos deveras com a decisão do tribunal. Com a approvação das contas do anno de 1888, vem a approvação de toda a despeza feita com a estrada de Cedovim, este flagello da regeneração, este pesadêllo de certo numero de individuos. Fique, pois, sabendo o sr. Julio de Moura e toda a sua cohorte que a estrada de Cedovim não cae por terra perante as suas reclamações phantasticas e gratuitas. Caminhará sempre e com ella fugirá para os regeneradores a unica esperança de salvamento, a unica taboa em que pretendiam assentar a sua machina eleitoral. Vãs esperanças, illusões chimericas. Não ha nada como o tempo para curar certos males. Tudo vae acabando aos infelizes regeneradores, hoje subdivididos em mil partidos qual d'elles mais anemico e mais fraco, qual mais inimigo e rancoroso. Hoje, vigora o partido progressista, esta massa potente e acreditada perante o monarcha e perante o paiz. Caminha desassombradamente pela fieira da legalidade e da justiça; resolve problemas financeiros complicadissimos, questões laboriosas e intrincadas. Tudo consegue, tudo pode fazer. Tem a seu lado a força e o poder; a outro lado a disciplina e a união intima d'uma grande maioria que compartilha de seus desalentos no caminho do trabalho e dos interesses do paiz. Oxalá que o partido progressista, de gloriosas tradicções, consiga sempre trazer subordinadas as suas fileiras. Se o conseguir, tarde ou nunca será que esse outro partido da diffamação e insulto, da desmoralisação e da calumnia, suba os degraus do poder que lhe não pode pertencer.

— Um escandalo inaudito, um desaforo, um roubo descarado, é o que poderemos chamar á tomada de contas dos antigos gerentes de Nossa Senhora da Veiga para a nova confraria. Não podemos hoje deixar de abandonar essas palavras brandas e suaves que temos usado, para dar logar a outras que envergonhem uma só hora já que mais não pode ser, essa cotterie de saltimbancos e ratoneiros a que se dá o pomposo nome de *commissão*. E' indispensavel que o povo de Fozcôa conheça essa tal commissão, essa *peguinagem*, que tão descaradamente tem sorripiado o dinheiro e ouro da Virgem da Veiga. Não houve honra nem dignidade nem a minima sombra d'apparencia na entrega dos valores e objectos á confraria. Todo o ouro que os devotos tem affastado á Senhora, todo o dinheiro das esmolas e em generos, foi applicado á compra d'amendoa e lã para negocio d'essa tal commissão que só existiu para um fim tão indigno e malevolo,como é o roubo. Tudo desappareceu, tudo se desencaminhou. O ouro da Senhora, esses cordões, brincos e aderêços que costumavam adornal-a no dia da sua festa, tudo foi vendido na vespera da tomada de contas, para arranjo de todos esses miseraveis, a quem a desgraça teria já batido á porta se estas e outras gentilezas a não tivessem repellido. Que desaforo inaudito, que escandalo monumental!! Vender á Virgem todo o seu ouro sem mais cerimonia do que leval-o a casa dos compradores, é um roubo descarado, uma acção infame e vergonhosa! Onde está, pois, o dinheiro produzido por esse ouro? Porque razão não foi entregue á confraria? Onde está o ouro que tambem entregou o sr. Almeidinha? Tudo desappareceu pela poderosa influencia d'essa tal commissão de ladroeira, de que tambem faz parte o sr. Antonio Joaquim d'Almeida Fonseca Junior, unica pessoa de probidade que entregou os objectos e valores em seu poder. Hoje só restam da Senhora quatro objectos de ouro velho sem valor.

No dia da esmola a Virgem apparecerá inteiramente desataviada sem qualquer enfeite que não seja o entregue pela commissão; levará apenas a seu lado esses cacos velhos que lhe deixaram por não poderem vender. A junta de parochia entregou apenas em dinheiro á confraria a quantia de reis 27$000 para mostrar que entregou alguma coisa. Na caixa das esmolas foi apenas encontrada a quantia de 3$435 reis em prata e cobre. O restante dinheiro, perto de 20$000 reis foi conduzido um d'estes dias para esta villa pelo Leinho, de que ha testemunhas presenciaes.

As roupas da Senhora são todas velhas e deterioradas. Se as estampas e essa roupa podesse vender-se, certamente que tudo desappareceria para dar entrada nas algibeiras da parochia e da commissão. Todos os objectos e valores entregues á confraria serão publicados por editaes, para terem a devida publicidade. As tres chaves da caixa das almas na capella estão actualmente entregues, uma ao thesoureiro, outra ao juiz e outra ao escrivão. A chave da córte onde está depositada a madeira acha-se em poder do thesoureiro. Só d'esta fórma poderá tudo correr legalmente, nem mesmo existe outro modo de proceder.

Tudo o mais que se fizer sem se achar incluido nos estatutos, é uma illegalidade. Proceder como essa commissão *in nomine*, auxiliada pela junta de parochia, é um roubo descarado, repetimol-o. Bastante comeram até hoje á custa da Senhora; bastante vinha plantaram com o dinheiro das esmolas; bastante lã e amendoa compraram com o dinheiro de Nossa Senhora. Resta-nos uma grande consolação por conseguirmos desapossar das mãos d'essa quadrilha de ratoneiros as redeas da administração dos fundos da Virgem. Foi uma acção de que não nos arrependemos e que Nossa Senhora certamente nos agradecerá. Vae principiar agora a gerencia da nova confraria. Se ella commetter qualquer illegalidade, cá estamos para a combater. Os nossos desejos limitam-se a que ella caminhe sempre dentro dos limites dos estatutos que a regem. Se o fizer, nada mais é obrigada a fazer.

— A percentagem a addiccionar ás contribuições geraes do Estado para o anno civil de 1889 são de 91,07 p. c., sendo 18 p. c. para a junta geral em que se comprehende 3 p. c. para a instrucção primaria, 65 p. c. para a camara, comprehendendo 15 p. c. para instrucção publica e o addiccional de 8,07 p. c.

— Em 17 de dezembro de 1888 foi remettido para juizo um auto levantado pelo escrivão de fazenda d'este concelho contra o parocho das freguezias de Almendra e Castello Melhor, por falta de cumprimento ao disposto no artigo 36 do Reg. de 31 de março de 1887 (relação dos obitos). E' certo, porém, que não obstante o processo constar já de corpo de delicto indirecto, até hoje não se sabe o caminho que levou, pois que já desde aquella data que jáz no esquecimento. Pedimos providencias ao meritissimo delegado d'esta comarca.

— O sr. Miguel Silvano offereceu a Nossa Senhora da Veiga os seguintes objectos:—4 jarras de porcelana branca com ramos floreados e dourados na frente e de bordo rendilhados; 2 ditas maiores, com ramos tambem dourados e de porcelana branca; um jogo de galhetas com tampas e prato rendilhado; um jogo de sacras douradas na impressão e caixilhos; um tapete para o altar, desenho e flôres vermelhas em fundo preto; um corporal e sanguineo bordados. O irmão declara que nunca estes objectos poderão ser distrahidos do poder do actual thesoureiro da confraria, antes que de futuro seja outro.

— Já regressaram dos estudos os estudantes filhos d'esta terra.

— Principiam no dia 22 do corrente os exames d'ensino elementar.

— Continua gravemente enfermo o sr. Menezes, empregado telegrapho-postal de Coimbra. Estimamos as suas melhoras.

Correspondente.

SECÇÃO AGRICOLA

A MERGULHIA PELO PROCCESSO CHINEZ

São muitos e variados os systemas de multiplicação da vinha, mas a mergulhia é um dos mais usados, de longos annos, nas antigas plantações europeias. A mergullhia, como o bacello, conserva á nova planta que d'ella nasce, os caracteres particulares da cepa mãe, e mesmo da vara, que lhe dá origem; e tem sobre o bacello a vantagem de melhor assegurar o enraizamento da nova planta, porque esta só se separa da mãe quando possue todos os orgãos necessarios á sua existencia. Por isso, a mergullhia é preferida para as plantas que teem difficuldade em pegar de estaca.

Na cultura das cepas americanas enxertadas, porém, a mergullhia tem de ser posta de parte; porque, tratando-se de cepas resistentes, as varas que servem á mergullhia são de vinha europea, e esta não presta para ser defendida, sem o auxilio dos insecticidas, da acção da phylloxera.

Pode, no emtanto, este processo servir para multiplicar, em viveiro, cepas de difficil enraizamento, para preencher mesmo falhas, e produzir bons barbados em plantações feitas, mas não ainda enxertadas, ou como meio de multiplicação regular em plantações de quaesquer productores directos, quer sejam americanos quer europeus.

Principalmente para a multiplicação de especies que pegam mal d'estaca, taes como,—as *Aestivalis* (Jacques e Herbemont), a *Cordifolia*, a *Cinerea*, etc., que são cepas de muito valor cultural, a mergullhia é ainda um dos melhores meios de obter barbados em pouco tempo. E, de entre os differentes processos de mergullhia, o *chinez* tem a vantagem de crear plantas enraizadas n'um só anno, isto é, o tempo necessario para se fazer uma simples estaca, e sem perda de vara.

A mergullhia *chineza* é parecida com um systema de reproducção, que tem sido muito preconisado pela celebre viticultora americanista, a sr.ª duqueza de Fitz-James,—chamado estaca-semente,—mas muito mais vantajoso que este, que tem dado resultados muito deseguaes.

Para se proceder á *mergulhia chineza* abre-se um rego de 0m,25 de profundidade a partir do pé da cepa, e n'elle se deita a vara convenientemente escolhida, manteudo-a a 0m,06 ou 0m,08 abaixo da superficie do solo, por meio d'uns colchetes de pau ou de fio de ferro; cobre-se em seguida o rego com terra de boa qualidade, estrumada com estrume bem curtido, terriço e areia, se fôr possivel, de modo que os gommos fiquem quasi á superficie ou apenas recobertos com uma tenue camada d'aquella terra, e supprimem-se todos os olhos da vara, comprehendidos entre a sua inserção e a entrada na terra. Se o terreno não tem frescura é necessario deitar em cima de cada mergullhia uma ligeira camada de palha, e regar. No verão, quando os pampanos se desenvolvem dos olhos da vara mergulhada, devem ligar-se a uns pequenos tutores e fazer-se uma ligeira amontoa em volta de cada um.

D'esta mergullhia, assim cuidada, nascem tantas novas plantas quantos são os olhos da vara, tendo cada uma o seu systema radicular perfeito. Chegado o momento da plantação levanta-se a mergulha e divide-se em tantos fragmentos quantos são os olhos enterrados. Cada um d'esses fragmentos constitue uma planta enraizada.

Este processo é, sem duvida, o mais pratico e economico para a multiplicação das cepas que enraizam difficilmente pelo processo usual de simples estaca, sempre que o terreno seja de boa qualidade, e não muito secco, ou possa ser regado.

Agora mesmo acabamos de vêr n'um jornal francez uma modificação importante a este processo de multiplicação, a qual merece ser conhecida e ensaiada.

Como vimos, na mergulhia chineza, assim como em todos os systemas de reproducção usados na pratica, as varas são deitadas na terra durante a epocha de descanço da seiva, antes que a cepa comece a rebentar. A modificação que vamos apresentar, consiste principalmente em dettar as mergulhas quando a vara tem já os pampanos com um certo crescimento.

O agronomo portuguez, o sr. Rodrigues Chicó, fez no viveiro de cepas americanas do Porto, ensaios da mergulhia herbacea em varas de *Mustang*, variedade de difficil enraizamento, e tirou d'essas experiencias bons resultados, conforme nos communicou em tempo. O processo que vamos indicar, não é propriamente a mergullhia herbacea, como foi descripta pelo sr. Chicó, mas é um intermediario entre a conhecida mergullhia de vara dormente e a vara herbacea do anno.

Referimo-nos acima ás condições e cuidados especiaes que é necessario ter para o bom resultado da mergulhia chineza, pois todas essas condições e cuidados hão de ser observados na modificação d'este systema, que consiste no seguinte:

«Na epocha propria, poda-se a cepa, que ha de ser mergulhada, deixando um talão de 2 ou 3 olhos, e uma vara comprida de 12 a 20 olhos, conforme o vigor. Esta vara é ligada a um tutor, e logo que d'ella saem os novos rebentos e estes tenham attingido o crescimento maximo de 20 a 30 centimetros abre-se uma caldeira em volta do pé da cepa, preparando e estrumando muito bem a terra, pega-se na vara, geme-se com cuidado, e deita-se n'essa caldeira, formando um circulo completo em volta da cepa mãe, segurando-a com forquilhas ou colchetes de pau. Em seguida cobre-se a vara com uma camada de 10 centimetros de terra bem preparada e estrumada, dirigem-se e dispõem-se com cuidado os novos rebentos, e supprimem-se todos os que nascem do ponto de inserção da vara até á entrada na terra. Ordinariamente a mergullhia fica segura com esta camada de terra, mas, sendo necessario, deixa-se ficar as forquilhas de madeira, com que se obriga a vara a tomar a posição desejada.

Depois d'isto está concluida a operação, que se vae completando com pequenas amontoas de terra e estrumações concentradas se o terreno é fraco.

Por este systema cada mergullhia produz tantos barbados, quantos os rebentos da vara enterrada.

A cepa mãe deve *esladroar-se* para que a seiva se não perca em ramos inuteis. Em vez de formar com a vara mergulhada uma corôa em volta da cepa, poderia deitar-se em linha recta, mas M. Pony, auctor da modificação, diz, e quanto a nós bem, que a seiva, contrariada no seu caminho, distribue-se mais regularmente pelos rebentos, e evita as desegualdades que se notam nos sarmentos da mesma vara que não é gemida.

Como se sabe, a seiva tende sempre a fugir e a accumular-se nas extremidades das varas, alimentando melhor os sarmentos superiores em detrimento dos que ficam situados na parte inferior; e esta tendencia natural é corrigida na pratica com as empas, de modo que a disposição em circulo da mergullhia restabelece o desejado equilibrio da vegetação.

O auctor d'esta modificação diz tel-a praticado, com resultado, em quasi todas as variedades americanas, mesmo nas de mais difficil enraizamento, obtendo d'um reduzido numero de pés quantidades consideraveis de barbados, por preço economico, e recommenda o seu systema, sobre tudo, aos proprietarios que teem ainda cepas iddigenas com vigor sufficiente para serem enxertadas com especies americanas resistentes.

Na Extremadura empregou-se, o anno passado, a enxertia do Jacquez em cepas indigenas com o fim de obter quantidades maiores de bacellos; essas enxertias produziram effectivamente quantidades consideraveis da varedo, mas como o Jacquez é uma cepa que não deve plantar-se senão de barbado, porque pega mal de estaca, o exito da operação só seria completo se fosse completada pela mergulhia, com o fim de obter o maior numero de barbados, no menor espaço de tempo possivel.

Parece-nos que o assumpto deve merecer a attenção dos viticultores.

COMMUNICADOS

EXAMES ELEMENTARES E COMPLEMENTARES NO CONCELHO DE S. JOÃO D'AREIAS.

Effectuaram-se nos dias 5, 6, 7 e 8 os elementares e os complementares nos dias seguintes d'este mez. O jury foi composto dos srs. Bastos, sub-inspector, presidente; Emilio d'Oliveira, pela junta escolar, e Nogueira, professor complementar, e da professora complementar de Nellas e Carregal. Concorreram da freguezia de S. João d'Areias e da de Parada, que foram classificados de bons e distinctos. O presidente, sr. Bastos Pinto, insinuava-se no animo sem pretenções de superioridade. Affavel e delicado para com todos, manifestava o seu zelo pela instrucção dos alumnos, e as suas maneiras e a sua intelligencia grangearam-lhe a sympathia de todos os que tem o gosto de fallar e tractar com elle.

N'este concelho não se encontra uma casa nas precisas condições para a instrucção dos alumnos. Na freguezia de Parada acha-se designado o local para a escola em condições hygienicas e pedagogicas para alli se construir uma escola, que é um grande melhoramento. Aquelle digno funccionario deseja que paguem pontualmente aos obreiros da civilisação.

Um amigo da instrucção.

SECÇÃO LITTERARIA

O SAL DO MAR

CONTO NORUEGUEZ

Era uma vez dois irmãos, um muito rico, outro pobre. Isto aconteceu ha annos, ha muitos annos. Chegou a vespera do Natal e o pobre que não tinha em casa uma migalha de pão, foi a casa do irmão, e pediu-lhe pelo amor de Deus alguma coisa para festejar o Natal. Ora, não era esta a primeira vez que o irmão rico repartia com o outro, e valha a verdade, não morria por dar.

— Dou-te um presunto inteiro, se tu fizeres o que eu te disser,—disse o irmão rico.

O irmão pobre prometteu tudo o que o outro quiz, e ainda por cima se desfez em agradecimentos.

— Bem aqui o tens. Agora é marchar para o Helvede (1), disse o rico, atirando com o presunto ao irmão.»

— Pois sim, o dito,—retorquiu o outro sobraçando o presunto e sahindo.

Foi andando, durante o dia inteiro, e era já noite quando chegou a um recinto brilhantemente illuminado.

Está-me a parecer, que é aqui, pensou o homem do presunto. Fóra, debaixo d'um telheiro, estava um velho de longa barba branca, a rachar lenha.

— Ora muito boa noite!—disse o homem do presunto.

— Boa noite! Para onde vai a estas horas?—perguntou-lhe o velho.

— Vou para o Helvede, e se me não engano, parece-me que é por aqui o caminho,—respondeu o pobre.

— Sim, senhor, é por aqui mesmo, disse o velho.—Assim que vocemecê entrar verá que todos lhe querem comprar o presunto, porque a carne de porco raro apparece no Helvede: mas não o venda a não ser que lhe deem em troca o moinho de mão que está atraz da porta. Depois, quando vocemecê sahir, eu lhe ensinarei a servir-se do moinho e verá que a minha lembrança vale alguma coisa.

O homem do presunto agradeceu muito ao velho o seu bom conselho, e bateu á porta do Fauden. (2)

Depois de entrar, succedeu exactamente o que o velho tinha previsto; todos os diabos grandes e pequenos, guerreando-se uns aos outros, todos á porfia queriam tirar o presunto.

— De direito, o presunto devia ser para minha mulher e para mim para o jantar do Natal, mas já que tanto se empenham em o comprar, que remedio tenho eu senão vendel-o disse o homem. Mas, se por força o querem, hão-de dar-me o moinho que está atraz da porta.

Fauden, muito teimoso, não queria de forma nenhuma desfazer-se do moinho; mas o homem não cedia, e, por fim, Fauden fez a troca.

Quando o homem do presunto sahiu para fóra foi ter com o velho para que lhe explicasse o que havia de fazer do moinho, e, depois de varias explicações e de muitos agradecimentos, pôz-se a caminho para casa, estugando o passo, mas, por mais depressa que andasse, não chegou antes da meia noite.

— Ora esta, a que horas tu vens para casa disse-lhe a mulher. E eu aqui sósinha, ralada, farta de esperar, sem ter sequer dois carvões para pôr no lume.

— O que queres tu, não pude vir mais cedo. Tive que fazer; e dei uma grande caminhada. Mas tu vaes ver se empreguei bem ou não o tempo disse-lhe o marido.

Poz o moinho em cima da meza, e fel-o moer primeiro luz, depois toalha, depois comida e bebida, tudo manjares proprios d'um jantar de Natal. Tudo o que elle pedia, o moinho lhe apresentava. A mulher esbugalhou muito os olhos, persignou-se varias vezes, e, por ultimo, quiz saber a proveniencia do moinho, mas o marido teimou em lh'o não dizer.

— Que te importa a ti onde eu o fui buscar? O que tu vês é que o moinho é bom e que a mola se não gasta, respondeu-lhe o homem.

Depois moeu mais comer e mais bebidas, preparou um banquete e convidou varios amigos.

Quando o irmão rico veio e viu tanta riqueza, todo se mordeu de inveja, porque não podia levar á paciencia que o irmão tivesse alguma coisa.

— Na vespera do natal estava tão necessitado, que me foi implorar uma esmola, e agora é isto que se vê, um festim que nem o d'um rei, disse o irmão rico para os circumstantes. Mas onde diacho fostes tu topar no Helvede com tamanha fortuna? disse elle para o irmão.

— Encontrei-a atraz da porta, respondeu o dono do moinho.

E n'aquella occasião não esteve para mais explicações; mas, para o fim do jantar, soltou-se-lhe a lingua e não teve mais mão em si. Foi-se a buscar o moinho.

— Aqui teem o que me deu toda esta riqueza, disse elle, e começou a moer tudo que lhe veio á cabeça.

Assim que o irmão tal viu, decidiu logo comprar o moinho, e, por fim, chegaram a um accordo, dando elle ao irmão trezentas libras, e com a condicção de só receber o moinho pelo tempo da ceifa.

— Durante todo este tempo, posso moer muito.

Póde-se fazer a idéa se o moinho parou um momento d'ahi até á ceifa.

O irmão veio, e levou o moinho como estava combinado; o que não perguntou, nem o outro lhe disse, foi a maneira de o fazer parar.

No dia seguinte áquelle em que o ricasso levou o moinho para casa, disse elle para a mulher que fosse vigiar os ceifeiros, que o jantar ficava por sua conta.

A mulher foi. Quando eram horas de jantar, pegou o homem do moinho e levou-o para a mesa da cosinha.

— Moe-me para aqui sopa e harenques, e isso depressa e bem!—disse o homem; o homem poz-se a moer harenques e sopa, primeiro para as travessas e para os pratos, e depois para o chão. O homem, muito atrapalhado, o que queria era fazer parar o moinho, mas por mais geitos que lhe désse, por mais esforços que empregasse, não havia meio de o travar.

Abriu a porta para a casa de jantar, mas d'ahi a pouco era já tal a quantidade de peixe e caldo que a muito custo conseguiu deitar a mão ao fecho da porta e sahir para fóra. Deitou a correr com quanta ancia tinha, e atraz d'elle a sopa e os harrenques, espumando como encapellado mar.

Por este tempo a mulher já se ia espantando da demora do marido.

— O melhor que temos a fazer é ir caminho de casa, apezar de meu marido não nos ter ainda chamado. Não tem lá muito geito para fazer comida, e talvez precise d'uma ajuda,—disse ella, para os ceifeiros.

Assim foi. Pozeram-se a caminho de casa, mas quando chegaram ao alto das montanhas, deram com a enxurrada dos harenques e da sopa, e o homem *a correr adiante*.

— Prouvéra ao ceu que vocês tivessem cada um um cento de estomagos!—bradou-lhe o rico, tomem conta não se afoguem na sopa do jantar! e continuou á desfilada, como se o diabo lhe fosse no encalço, na direcção da casa do irmão.

Pediu-lhe por tudo quanto havia que fosse buscar o moinho n'aquelle mesmo instante. Se moe por mais uma hora, morrem todos por causa dos harenques e da sópa, disse elle.

Mas o irmão é que se não decidiu a ir buscar o moinho sem receber primeiro mais cem libras.

E aqui está como o pobre ficou com o dinheiro e com o moinho, e passou a habitar uma vivenda mil vezes mais sumptuosa do que a do outro irmão. Moeu quanto oiro quiz, tanto que cobriu inteiramente a casa, e como ficava á beira-mar, reflectia-se rutilante nas aguas. Todos os que por alli passavam queriam fallar ao possuidor de tamanhas riquezas, e ver o maravilhoso moinho, tanto a sua fama, se espalhára pelo mundo inteiro.

Decorrido tempo, appareceu o dono d'um navio, que tambem queria ver o moinho. Perguntou se moía sal.

— Já se vê que sim, que móe sal!—disse o dono d'elle; assim que tal ouviu, o dono do navio fez logo tenção de o adquirir, custasse o que custasse, para evitar perigosas viagens, pelos mares fóra, em demanda de sal.

Ao principio o dono do moinho não queria ouvir razões, mas o marinheiro tanto pediu, tanto instou, que por fim o obteve, em troca de muitos milhares de libras.

Assim que o dono do navio apanhou o moinho, tratou de se fazer ao largo, com receio não mudasse o outro de tenção. Nem sequer teve tempo para lhe perguntar a maneira de o fazer parar; começou a navegar, e assim que se viu no mar alto, pegou do moinho e bradou-lhe:

— Moe-me sal, e isso depressa e bem!

Assim aconteceu; o moinho começou a deitar sal que espadanava brilhante no ar.

Encheu-se o navio, e o marinheiro quiz fazer parar o moinho, mas todas as tentativas e esforços foram baldados, e o moinho continuava a deitar sal d'uma maneira espantosa, até que por fim era tal a quantidade e o peso, que o barco foi ao fundo.

E lá está o moinho no fundo do mar, a moer, a moer sempre, e ahi está a razão porque a agua do mar é salgada.

PARTE OFFICIAL

SYNOPSE DO *DIARIO DO GOVERNO*

Diario de 8

Varios despachos judiciaes.

Mappa dos espolios sob a administração do consulado portuguez, em Pernambuco, referido ao mez de agosto de 1888.

Diario de 9

Mappa do movimento dos espolios sob a administração do consulado do Pará, referido ao mez de setembro de 1888.

Diario de 10

Movimento do pessoal consular nos mezes de julho e agosto do corrente anno.

Nota dos portuguezes fallecidos na área do consulado de Portalegre, referida ao mez de novembro de 1888.

Mappas do registo e deposito de marcas de fabrica e commercio referidos ao mez de junho do corrente anno.

Diario de 12

Annuncio de estar aberto concurso para o logar de chefe da direcção postal de Loanda.

Diario de 13

Mappa dos espolios sob a administração do consulado do Maranhão, referido ao dia 31 de dezembro de 1888.

Portaria approvando os programmas de ensino das disciplinas da 12.ª, 22.ª e 26.ª cadeiras do Instituto Industrial e Commercial da cidade do Porto, no anno lectivo de 1889-1890.

Diario de 14

Decreto estabelecendo em Lisboa um curso theorico e pratico de pathologia e chimica ophtalmologica.

Portaria contendo as instrucções regulamentares para o serviço dos laboratorios electrotechnicos e escolas praticas de telegraphia, nos institutos industriaes e commerciaes de Lisboa e Porto.

Portaria mandando estabelecer uma estação telegraphica em Balthar.

25 FOLHETIM

EUGENIO SUE

O MARQUEZ DE LETORIÈRE

XIV

O DOUTOR FLACHSINFNIGEN

Este accesso de importuna hilaridade foi severamente castigado por sua mulher, que o beliscou rudemente bradando:

— Sois um miseravel! que loucamente se ri, quando tendes na mão o testemunho de que um tal devasso premedita talvez pôr o cumulo a seus triumphos infernaes, atacando a honra de vossa mulher!...

O conselheiro embasbacou para a conselheira, juntando as mãos:

— Atacar a vossa honra, Martha! Ah! Deus do céo! quem pensa em tal?

— Que homem! que homem! Mas ouvi!

E a conselheira leu o bilhete pela terceira vez...

«O senhor de Létorière terá a honra de se apresentar hoje, ao meio dia, em casa da senhora Flachsinfingen.»

— Percebeis agora? Em casa da *senhora*. E' claro? não é em casa do senhor conselheiro que se quer apresentar, é em casa da conselheira. E' uma especie de emprazamento que me faz. Não o occulta, nem se serve de rodeios, confessa-o muito claro; e vós, vós não recalcitraes, ficaes indifferente a esta affronta! Ide, ide, Flachsinfingen, não mereceis ter uma mulher honesta. Pedir-me hora aprasada! o impudico! repetiu ella com indignação.

— Como é isso, Martha? suppondes seriamente que o marquez?... Vamos! sois louca, muito louca! disse o doutor. Se vos pede hora aprasada, é para vos fallar a respeito da sua demanda; nada mais simples. Assim como toda a gente, elle sabe que eu puz toda a minha confiança em vós, quero dizer, que me levaes pelo beiço; pois bem! para me dominar, quer naturalmente, primeiro que tudo, obrar sobre vós, Martha.

— Sobre mim! Como, obrar sobre mim!! D'isso o livrarei eu, com risco mesmo dos meus dias! exclamou Martha n'um tom heroico.

No mesmo instante ouviu-se uma sege parar á porta.

— Céos! é elle, exclamou ella, encostando-se sobre a poltrona do seu marido. Não tenho uma gota de sangue nas veias. Flachsinfingen, não me abandoneis, em nome do céo, defendei-me d'este atrevido!

Mas a carruagem continuou seu caminho; foi um rebate falso.

Martha passou a mão pelo rosto, e disse com emoção: Falhou-me o coração, confesso-o: ninguem domina o seu terror.

— Se tendes tanto medo do marquez, para que diabo o recebeis, para que o arrostaes? perguntou naturalmente o conselheiro.

— Para quê? Para quê? repetiu Martha com um ar indignado, mostrando a seu marido um gesto de soberano despreso. Perguntas-me para quê? Eis a pergunta de uma alma vergonhosamente absorvida pela golodice. Para quê? Para que é deshonrado o guerreiro que foge cobardemente diante do inimigo? Para que se experimenta o ouro no fogo? Para que o justo, que valente combateu, que resistiu, é superior ao justo que não luctou? Para que a Escriptura (e Martha mostrou a sua Biblia aberta no Livro dos Juizes), para que a Escriptura diz: «Vós que vos tendes exposto voluntariamente ao perigo, bem dizei o Senhor Fallae, vós que montaes sobre «jumentas de uma belleza singular, e «que caminhaes sem receio por...»

— Mas, exclamou o conselheiro, interrompendo sua mulher com impaciencia, vós estaes louca! Quem é que pensa em combater-vos sobre a vossa jumenta? em vos atacar? em luctar comvosco? em vos passar pelo fogo?... E' porque idade se... na vossa Oh! essa é boa!... vamos, vós me fazeis dizer alguma tolice, Martha.

— Agora juntae o insulto á grosseria; nada me espanta.

— Pois não recebas esse marquez, não recebas! disse o conselheiro desesperado, o meu partido está tomado, de sustentar os direitos dos principes allemães, pois que vós o quereis! Assim, o que vos dirá ou não este Nabuchodonosor, este Pharaó, este Tarquinio, não mudará em nada a questão; estae tranquilla, não necessito que elle vos ataque, como dizeis, nem que lhe resistaes para vos ter pela mais honesta mulher de toda a Germania. Não penseis mais n'isso, fechae a vossa porta, e deixae-me ir observar as fornalhas de Lipper; o meu estomago me adverte que está para dar meio dia, e conto muitissimo com um certo peixe assado, com um môlho de geleia de uvaespim com que sonhei esta noute.

— Percebo, senhor, disse ella, com um ar de despreso tranquillo e concentrado depois de ter deixado fallar seu marido só, pensaes na vossa ignobil sensualidade, quando a virtude de vossa mulher póde ser atacada... Sou portanto eu que me encarregarei de defender a vossa honra e a minha. Nova Judith, eu arrostarei este Holophernes, e como ella, eu direi: Dae-me, Senhor, muita constancia no coração para despresal-o, e muita força para o anniquillar...

— Vamos... eis aqui o que ao presente é Holophernes, exclamou o conselheiro.

— Apesar da minha resolução, continuou Martha, como sou uma fraca mulher, como este impio é capaz de commetter os mais espantosos excessos... tudo que vos peço, é que vos conserveis bem armado e bem ao alcance de me soccorrer, se os meus esforços forem infelizmente baldados.

— Mas, Martha, tranquillisae-vos, ninguem julga bem de si mesmo... e juro-vos, que ha em vós... um certo ar... um certo não sei quê... pelo qual nenhum imprudente se aventurará... a faltar-vos ao respeito... e, não acho necessidade de me armar para...

— Sabeis que não quero ser contrariada? bradou a conselheira, interrompendo seu marido, e lançando sobre elle um olhar que parecia deslumbral-o. Ainda que muito sinto retardar a hora do vosso jantar, não obstante, ide pegar n'um arcabuz, e, occulto debaixo d'esta mesa, assistireis a esta entrevista... prompto a soccorrer-me, se fôr preciso, quando eu gritar: «A mim, Flachsinfingen!»

— Que me esconda debaixo d'esta mesa com um arcabuz! E para quê?

— Já vos disse, senhor, que se ha de fazer, e assim se fará.

A scena passava-se no gabinete do conselheiro; um grande numero d'armas da idade média estavam penduradas na parede, como objectos de curiosidade.

A conselheira escolheu um arcabuz e um punhal, que poz sobre a mesa; examinou algum tempo um ligeiro escudo persiano, e um peito d'armas de malha de aço, e esteve para vestir-se d'estas armas defensivas para resistir mais seguramente aos presumidos ataques do marquez; mas, julgando-se sufficientemente munida com o punhal, aproximou-se de seu marido.

— Este punhal é para mim; este arcabuz para vós. *Debora*, só teve um prégo por arma; *Judith*, uma espada; *Dalila*, as tesouras... Martha terá um punhal.

— Mas, senhora, tende cuidado; esse arcabuz está carregado desde o dia em que o quiz experimentar... Para que serve, todo este apparato!

Uma carruagem parou de novo á porta. A conselheira sentiu uma forte emoção de terror, quando a sua creada veio dizer-lhe...

— E' um marquez que pergunta pela senhora...

— Meu Deus!... é elle... animo! disse ella em voz baixa; e accrescentou: Quando eu tocar, Clara, introduzireis esse estrangeiro.

A creada sahiu, a conselheira abraçou solemnemente seu marido, e disse-lhe com voz commovida: Vamos, vamos, Flachsinfingen, chegou o momento... armae o vosso arcabuz, e Deus nos proteja!...

E levantou o panno da mesa, fazendo com o gesto um signal a seu marido para se introduzir debaixo d'ella.

— Mas, minha mulher, eu vou abafar aqui em baixo... é absurdo!

— Percebeis-me? disse Martha com modo imperioso.

— Mas... é em vão...

— Flachsinfingen, tendes-me percebido? tornou ella furiosa, agarrando seu marido pelo braço, e accentuando, para assim dizer, cada uma das suas palavras com um beliscão energico.

— E' mister que eu seja tão fraco, tão tolo, como sois louca, para me prestar a este ardil, disse o conselheiro esfregando o braço, e introduzindo-se debaixo da mesa com muito custo.

— Agora, quando eu disser: a mim, Flachsinfingen! sahi d'ahi, e fazei fogo sem piedade sobre o Philisteu! disse-lhe a mulher; depois abaixou o panno da mesa, que suffocou os ultimos murmurios do conselheiro.

Certa d'este auxiliar occulto, Martha fez prudentes preparativos de defeza. A meza, debaixo da qual estava o conselheiro, devia achar-se entre ella e o adversario a quem temia.

(Continua.)

(1) Helvede, significa inferno em norueguez.

(2) Fanden em norueguez quer dizer diabo.

CORREIO DE LISBOA

16 DE AGOSTO DE 1889.

O facto mais importante da semana, ou melhor, aquelle a que quizeram dar mais importancia, foi o prestito civico levado a effeito pela maçonaria e pelos republicanos—que, se existem e se crescem em numero, devem isso ao *bom senso* dos governos monarchicos. O acto porém correu sem desvio da ordem. A auctoridade aqui, porém, não lhe permittiu o uzo da bandeira, que personifica a sociedade maçonica, e fez bem, porque cumpriu a lei. Para sentir é, que ella se não cumpra em toda a parte. De tudo o que tem succedido e do que se tem feito a proposito da estatua de José Estevam, conclue-se facilmente que não é como veneração pela memoria do illustre tribuno que isso se fez, mas como meio de produzir um certo effeito a favor dos principios exagerados—dos quaes elle nunca sequer pensou, de que viria a ser instrumento ou bandeira. Em fim tudo *vae bem*, mas de tudo o que succede, vá a responsabilidade a quem toca; eu declino a que, como liberal, possa caber-me.

— A *Revue Diplomatique*, de Paris, um dos mais lidos e dos mais conceituados jornaes europeus, publicou no seu ultimo numero um primoroso retrato do sr. conselheiro José Luciano de Castro, esclarecido chefe do nosso partido e honrado presidente do conselho de ministros de Portugal. Vem acompanhado d'um notavel artigo, firmado por M. Auguste Meulemans, em que se presta a mais lisongeira homenagem aos talentos e serviços publicos do illustre estadista, parlamentar, jurisconsulto e publicista, que é incontestavelmente uma das maiores glorias do nosso paiz e uma das mais brilhantes individualidades da politica portugueza contemporanea. M. Meulemans nota, com justa admiração, como o sr. conselheiro José Luciano, tendo estado sempre na brécha, tanto na opposição como no poder, conseguiu impôr-se á admiração e ao respeito dos amigos e dos adversarios. Fazendo um rapido esboço da vida publica do sr. conselheiro José Luciano de Castro e lembrando as reformas, a que elle vinculou o seu nome, o sr. Meulemans põe em relevo os serviços que elle tem prestado á dymnastia e á nação, promovendo o engrandecimento e a prosperidade nacional e procurando, por todos os modos, conciliar as aspirações da democracia com as tradições da monarchia, sendo no poder o representante da grande maioria esclarecida e liberal do paiz. Diz que a França, que deu ao sr. conselheiro José Luciano a sua mais alta distincção honorifica, pode e deve contar com a sua sympathia. Na opinião do esclarecido publicista francez, o sr. conselheiro José Luciano está desempenhando em Portugal a mesma missão, que o sr. Sagasta tão brilhantemente cumpre na Hespanha. Não me quiz furtar á publicação d'este juizo de um estrangeiro conceituado, cujas palavras são por certo insuspeitas. Sahidas da penna de um seu partidario poderiam parecer lisonja. Escriptas n'um jornal de grande valia, como a *Revue Diplomatique*, não podem ser tomadas senão á conta de uma opinião imparcial.

— Pelo que me consta, os jornaes d'aqui teem publicado, com relação ás festas que em Aveiro se verificaram por occasião do levantamento da estatua de José Estevam, algumas inexactidões que convém corrigir. Por exemplo, o *Jornal do Commercio* diz, n'uma carta do seu correspondente d'ahi, e com fecho de 12, o seguinte:

«Acabo de assistir á manifestação mais imponente, mais commovente, e mais monumental que tenho visto. O povo de Aveiro comprehendeu finalmente que era chegada a hora de saldar a grande divida para com o homem que dotou a sua terra natal com todos os melhoramentos que ella ainda hoje está disfructando.»

Realmente a historia, se tivesse de conter uma semelhante nota, teria de cobrir-se de luto, pois que o asserto é simplesmente inexacto. «De fórma que todos os melhoramentos que Aveiro possue são devidos ao extincto»! A hyperbole é de tal ordem e offende tanto a verdade, que os ouvidos dos que mais longe estão—esses mesmos chega a feril-os. Ignorancia completa dos factos, se não é a vontade de os inverter por completo.

N'um outro jornal, que me parece ser d'esse districto—d'Albergaria, creio que é—escreve-se tambem o seguinte:

. . . . . .

«Aveiro deve, é verdade, muito a José Estevam—os monumentos principaes d'aquella cidade, attestam-o exuberantemente, etc., etc.»

Ora isto não póde ser. A verdade não é esta. Póde se bem engrandecer a memoria dos mortos, sem offender tão cruamente a justiça dos vivos. Nem todos os monumentos principaes da cidade se devem ao illustre morto.

— Regressou a Lisboa, o sr. Francisco de Castro Mattoso Corte Real, o cavalheiro a quem o levantamento da estatua de José Estevam se deve quasi que exclusivamente. Póde a ingratidão, mais tarde, affirmar o contrario; mas a verdade é esta. Se não fossem os seus esforços e a sua muita dedicação pelos assumptos de que trata e pelos negocios de que se encarrega e patrocina, a estatua do illustre orador, nem chegaria a traduzir-se em bronze, nem a collocar-se com o luzimento com que o foi. Devem-lhe tudo os que mais se empenhavam n'essa tão meritoria obra.

Com s. ex.ª veio seu estimavel filho o sr. Fernando Mattoso.

— Chegou aqui na madrugada de hoje o nosso excellente amigo sr. José Estevam de Moraes Sarmento. Vem penhorado das attenções que ahi lhe prestaram—attenções alliás devidas ao seus elevados meritos e reconhecidas virtudes.

— Partiu para Pariz o sr. Mariano de Carvalho. Affirmam uns que voltará antes da época eleitoral; affirmam outros que só voltará depois.

— O sr. conde de Paiva, a quem o concelho tanto deve, partiu hontem d'aqui para o Porto, devendo seguir d'alli para o seu sollar.

— Começou ante-hontem na sala do risco do arsenal da marinha a exposição dos diversos equipamentos estrangeiros e de invenção nacional, que se apresentaram no concurso ha tempo aberto para a escolha d'um typo definitivo a adoptar-se para o nosso exercito. A exposição esteve muito concorrida não só por individuos da classe civil, mas por officiaes de todas as armas que alli affluiram em grande numero. Acham-se expostos modelos dos equipamentos hespanhol, francez, belga, italiano, sueco, hollandez, dois modelos diversos da Allemanha, sendo um adoptado no exercito e o segundo de recente invenção, e dois portuguezes, sendo um do sr. general Botelho da Cunha, e outro do sr. capitão do estado maior de infanteria Teixeira Machado. Durante a exposição algumas praças de infanteria 5, foram equipadas com os modelos, pondo-os e tirando-os simultaneamente, para assim se avaliar do tempo gasto com os diversos typos. A opinião dos visitantes inclinou-se muito a favor do modelo apresentado pelo sr. capitão Teixeira Machado, e que na realidade é solido, elegante, extremamente portatil e de uma grande simplicidade, parecendo por isso avantajar-se a todos os outros. O capote é dobrado em torno da mochila, protegido por um involucro impremiavel que em bivac póde servir de abrigo a dois soldados, armando em barraca, com o auxilio de dois prumos, podendo servir as espingardas, e sendo o pau de fileira substituido por um cordel. A mochila é tambem impremiavel, com um volume menor do que o actual, mas pela boa disposição dos objectos de vestuario cabem todos perfeitamente incluindo as botas, e ficam bem acondicionados. As munições são transportadas em 3 bolsas, ficando duas á frente e uma na rectaguarda do soldado. A mochila é presa por dois suspensorios que a seguram pela parte posterior, passando por baixo das platinas do hombro do soldado, e vindo prender nas cartucheiras da frente. D'estes suspensores ainda partem uns francaletes, que passam por baixo dos braços do soldado, ligando-se á parte superior da mochila que fica assim mantida na sua posição. A patrona é substituida pela bolsa da rectaguarda, presa á mochila por uma correia e o bornal, e é d'um tecido impremiavel. Para prender as correias entre si não ha fivellas, substituindo-se por molas de gancho. Este equipamento cuja descripção deixo incompleta, porque foi visto com muita rapidez, arma-se todo fóra do corpo do soldado, de sorte que este para o pôr apenas tem de passar os braços por entre os dois suspensorios e franceletes que prendem a mochila, apertar o cinturão, ficando logo equipado. Este equipamento agradou geralmente, sendo o sr. capitão Teixeira Machado muito cumprimentado por bastantes officiaes presentes. A exposição deve ser encerrada ámanhã.

— Em 29 do corrente deverão marchar d'Alcobaça para Mafra duas companhias de cavallaria 9, em pé de guerra, para fazer exercicio na escola pratica de cavallaria e infanteria. Deverá ir tambem um esquadrão de cavallaria 10. E quando terminarem os exercicios de cavallaria na escola pratica de Mafra deve dar-se começo á instrucção de tiro dos corpos de infanteria, para o que serão enviados seguidamente alli todos os regimentos de infanteria da guarnição de Lisboa.

— Falla-se de novo, não sei bem com que fundamento, na renuncia do sr. cardeal patriarcha, indo este depois rezidir em Roma e na capella de Santo Antonio, que o paiz alli possue.

— Ainda não está definitivamente organisada a companhia do caminho de ferro do Valle do Vouga. Crê-se porém que dentro de pouco o estará.

— Falleceu aqui ha dias o sr. José Maria Durão, dono da casa de jogo mais antiga de Lisboa, junto ao Arco da rua dos Sapateiros, vulgo Arco do Bandeira. Momentos depois da sua morte, que foi repentina, o *estabelecimento industrial e commercial*, que tinha fama de ganhar annualmente 6 a 7 contos de réis, com pequenas despezas, foi conquistado por muitos batoteiros, offerecendo-se quantias importantes á sua viuva e por ultimo foi preferido um individuo de Santarem, que em tempo foi dono de um botequim, que dá á viuva e 4 filhos do fallecido José Maria Durão 3$000 reis por dia. Emfim, são 90$000 réis por mez, 1:080$000 réis por anno, além de 2:240$000 réis para despezas com o pessoal, luz, etc., etc.!!! Calcule-se pois que negocio tão vantajoso é o jogo, que dá para tudo!!!

— O sr. Antonio Oliveira Castro, como procurador de Gustavo Alexandre Nicolau Paters e sua mulher Helena Paters, pediu auctorisação para conseguir, por meio de loteria realisavel em 23 de dezembro proximo, a venda do palacio do Freixo, com jardins, pomares e annexos situado na freguezia de Campanhã, do Porto, devendo constar a loteria de 12:500 bilhetes, no valor de 4$500 réis cada um, que terão quatro numeros seguidos, devendo ser realisavel por intervenção d'um cambista do Porto, promptificando-se a pagar todos os encargos, que pela venda do palacio por 56:500$000 réis, forem devidos á fazenda nacional, e fazer um donativo de 900$000 réis a cada um dos seguintes estabelecimentos pios: Officina de S. José e Real Hospital de Creanças de D. Maria Pia, da cidade do Porto, na occasião de assignar o contracto da loteria com o cambista que d'ella se encarregar.

— São importantes as encommendas de vinho feitas em Portugal por algumas casas commerciaes francezas e que serão ainda maiores, se se realisar a previsão de uma escassa colheita vinicola na França. Agora que os viticultores não sacrifiquem á soffreguidão do lucro immediato o credito e o futuro dos nossos vinhos e que aproveitem urgentemente uma parte dos ganhos auferidos no aperfeiçoamento dos processos œnologicos e na restauração das vinhas, invadidas pelo phylloxera. E' preciso prevenir para o dia de ámanhã, que pode ser de gravissimas difficuldades.

— As provas praticas para o provimento da recebedoria da Praia da Victoria que estavam annunciadas para o dia 20 do corrente, foram addiadas para o dia 13 do proximo mez de setembro em consequencia dos concorrentes á referida recebedoria, residentes nas ilhas, não lhes ter sido possivel seguir viagem no vapor que remetteu o processo para o ministerio da fazenda.

— O regimento de cavallaria 9 está sob a inspecção d'uma syndicancia, a que por ordem superior está procedendo no corpo o sr. coronel de infanteria 5, Joaquim da Cunha Pinto.

— A Mala Real Portugueza começou a conduzir colonos por conta do governo para a Africa Occidental. A isso se prestou expontaneamente, o que é muito louvavel.

— A Companhia real dos caminhos de ferro accedeu ao pedido feito pelos funccionarios publicos, cuja iniciativa partiu do pessoal da direcção de contabilidade, sobre o abatimento de 50 °/₀ nas tarifas ordinarias de 1.ª classe das suas linhas, como já foi concedido aos officiaes de terra e mar.

Y.

ANNUNCIOS E PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

ANNUNCIO

PELO Juizo de Direito d'Aveiro e cartorio do escrivão interino Dias da Silva, correm editos de trinta dias, citando o executado Fernando Rodrigues do Sacramento, d'Ilhavo, mas ausente em parte incerta, para no praso de dez dias, posterior ao de trinta, pagar aos exequentes João Simões Negocio e mulher, do mesmo logar, a quantia de treze mil duzentos e trinta reis, juros de móra e custas dos autos, ou nomear bens á penhora.

Aveiro, 6 de agosto de 1889.

O escrivão interino
Antonio Dias da Silva.

Verifiquei—*Brito.*

ANNUNCIO

PELO Juizo de Direito d'Aveiro e cartorio do escrivão interino Dias da Silva, correm editos de trinta dias, citando o executado Fernando Rodrigues do Sacramento, d'Ilhavo, mas ausente em parte incerta, para no praso de dez dias, posterior ao de trinta, pagar aos exequentes Manuel Pereira da Lamarôa e mulher, do mesmo logar, a quantia de treze mil duzentos e trinta reis, juros da móra e custas dos autos, ou nomear bens á penhora.

Aveiro, 6 de agosto de 1889.

O escrivão interino
Antonio Dias da Silva.

Verifiquei—*Brito.*

ANNUNCIO

PELO Juizo de Direito da comarca d'Aveiro e cartorio do escrivão interino Dias da Silva, correm editos de trinta dias, citando Francisco Antonio de Rezende, d'Ilhavo, mas ausente em parte incerta no Brazil, para todos os termos do inventario orphanologico por obito de sua mulher Maria d'Ascensão Soares, moradora que foi em Ilhavo, pena de revelia.

Aveiro, 21 de maio de 1889.

O escrivão interino
Antonio Dias da Silva.

Verifiquei—*A. Cortezão.*

ANNUNCIO

A Camara Municipal do concelho de Anadia faz saber que, no dia 25 do corrente mez d'agosto, pelas 10 horas da manhã, na salla das sessões, se ha de proceder á arrematação por carta fechada, das seguintes obras:

1.ª—Construcção d'uma ponte sobre o rio Certema e um pontão sobre o rio da Serra, no sitio de Morogos, sendo a base de licitação 3:879$928 réis. Deposito provisorio para licitar 60$000 reis.

2.ª—Accrescentamento da ponte d'Espairo, sobre o mesmo rio, e modificação nas avenidas, sendo a base de licitação 5:378$956 reis. Deposito provisorio para licitar 100$000 reis.

Os projectos, orçamentos e condições estão patentes na secretaria da Camara, todos os dias não sanctificados, das 9 horas da manhã ás 3 da tarde.

Anadia 4 d'agosto de 1889.

O Presidente da Camara,
Alexandre de Seabra.

TYPOGRAPHOS

NA typographia d'este jornal recebem-se—um typographo e dois rapazes para aprendizes. A quem convier póde dirigir-se ao administrador da respectiva typographia.

EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA

NUMERO TELEPHONICO 168

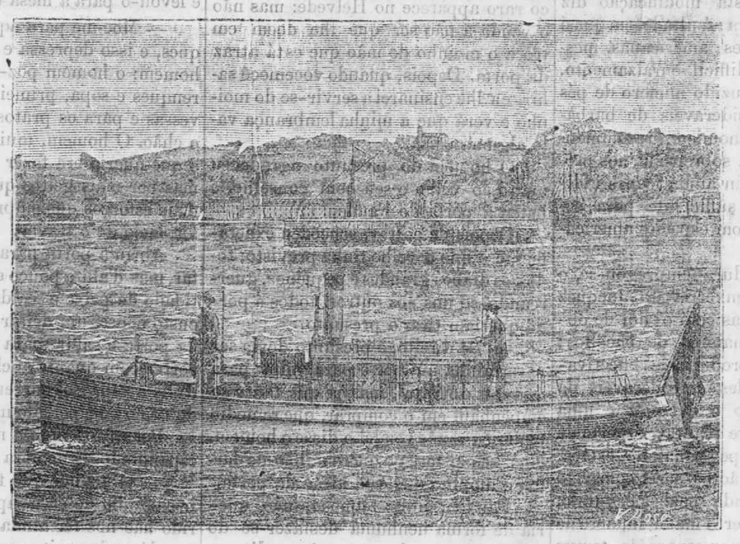
CONSTRUCÇÕES NAVAES COMPLETAS

CONSTRUCÇÃO E ASSENTAMENTO DE PONTES METALLICAS PARA ESTRADAS E CAMINHOS DE FERRO

CONSTRUÇÃO DE CANNOS, COLUMNAS E VIGAS, POR PREÇOS LIMITADISSIMOS

CONSTRUCÇÃO DE COFRES Á PROVA DE FOGO

CONSTRUCÇÃO DE CALDEIRAS



LANCHA, de ferro a vapor, construida em 1883 nas officinas da Empreza Industrial Portugueza para serviço de reboques no Pará.

A EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA, actual proprietaria da officina de construcções metalicas em Santo Amaro, encarrega-se da fabricação, fundição, construcção e collocação, tanto em Lisboa e seus arredores, como nas provincias, ultramar, has ou no estrangeiro, de quaesquer obras de ferro ou madeira, para construcções civis, mechanicas ou maritimas.

Acceita portanto encommendas para o fornecimento de trabalhos em que predominem estes materiaes, taes como, *telhados, vigamentos, cupulas, escadas, varandas, machas a vapor e suas calderas, depositos para agua, bombas, veios, rodas para transmissão, barcos movidos a vapor completos, estufas de ferro e vidro, construcção de cofres á prova de fogo, etc.*

Para a fundição de columnas e vigas tem estabelecido preços dos mais resumidos, tendo sempre em depositos grandes quantidades de camos de todas as dimensões.

Para facilitar a entrega das pequenas encommendas de fundição tem a Empreza um deposito na rua de Vasco da Gama, 19 e 21, ao Aterro, *onde se encontram amostras e padrões de grandes ornatos, e em geral o necessario para as construcções civis,* e onde se tomam quaesquer encommendas de fundição.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Empreza Industrial Portugueza—Santo Amaro, LISBOA.

BOOTH STEAM SHIP COMPANY

EM COMBINAÇÃO COM

RED CROSS LINE MAIL STEAMERS

AS MAIS ANTIGAS LINHAS DE PAQUETES A VAPOR PARA OS PORTOS DO NORTE E BRAZIL

Do PORTO para o PARÁ e CEARÁ

DIRECTAMENTE

recebendo tambem carga e passageiros para **MANAOS**

CARREIRA MENSAL DE PAQUETES A VAPOR

GRANDE RAPIDEZ E ECONOMIA

Para carga e passageiros para os quaes tem magnificas accommodações, ou quaesquer informações trata-se com os Agentes

A. J. Shore & C.ª

57 — Rua dos Inglezes — PORTO.

GOTTA e RHEUMATISMOS

CURA certa pelo LICOR e pelas PILULAS do Dr Laville

Estes Medicamentos são os unicos Antigottosos analysados e approvados pela Chefe das Manipulações chimicas da Academia de Medicina de Paris, o Dr OSSIAN HENRY.

O LICOR *toma-se para curar os ataques.* — AS PILULAS *tomão-se durante o estado chronico para impedir novos ataques e obter a cura radical.*

Para premunir-se contra as falsificações, ver e exigir o SELLO do GOVERNO FRANCEZ e a assignatura

Venda por atacado em Paris: COMAR, Pharmaceutico, rua St-Louis, 38

DEPOSITOS EM TODAS AS PRINCIPAES PHARMACIAS

COLLEGIO CENTRAL

FUNDADO EM 1886

4 — Poço do Borratem — 4

LISBOA

Estabelecimento destinado á educação physica, moral e intellectual de alumnos do sexo masculino

EXCELLENTES ACOMMODAÇÕES PARA ALUMNOS INTERNOS

PROFESSORES distinctissimos para todas as disciplinas, que abrangem a instrucção primaria, elementar e complementar, todas as disciplinas do curso dos lyceus, desenho, pintura e musica (rudimentos da arte, piano, canto, etc.).

O ensino das principaes linguas vivas é feito por professores das respectivas nacionalidades. Methodos essencialmente praticos. Este Collegio obtem todos os annos magnificos resultados nos exames feitos pelos seus alumnos no Lyceu Nacional de Lisboa.

Os alumnos internos pagam a mensalidade de 18$000 reis, podendo estudar as disciplinas que quizerem, ou que forem compativeis com o seu desenvolvimento intellectual. Alimentação abundante e substancial, tendo os alumnos quatro refeições diarias.

O Director
Alfredo de Amorim Pessoa.

LOTERIAS

NACIONAES E ESTRANGEIRAS

ANTONIO IGNACIO DA FONSECA

COM CASAS DE CAMBIO EM

LISBOA—Rua do Arsenal, 56 a 64

PORTO—Feira de S. Bento, 33 a 35

Faz publico que satisfaz todos os pedidos de loterias na volta do correio, garantindo não haver extravios no correio, sendo todas as suas remessas feitas em cartas certificadas.

Acceita agentes em todos os pontos do paiz, dando boas referencias. E' um importante auxiliar este negocio para os commerciantes das provincias.

Abaixo publica os dias das extracções das loterias nos mezes de agosto, setembro e outubro; assim como premios e preços dos bilhetes, quintos, decimos e oitavos.

LOTERIAS PORTUGUEZAS

No mez de agosto, dia 24—Em setembro, 4, 14 e 24—Outubro, 4, 14 e 24.

Em todas as loterias o premio maior é de

9:000$000

Bilhetes, a 5$300; quintos a 1$060; oitavos a 660; cautelas de 260; 130, 45 e 30 rs.

Listas enviadas no proprio dia do sorteio.

LOTERIAS DE MADRID

NO MEZ DE AGOSTO

Em 20, com o premio maior de

25:200$000

Bilhetes a 11$000, decimos a 1$100; cautelas de 600, 480, 240, 120 e 60 reis.—Dezenas de 1$200 e 600 reis.

Em 30, quatro premios de

7:200$000

Bilhetes a 2$400; cautelas de 600, 480, 120 e 60 reis.—Dezenas de 600 reis.

NO MEZ DE SETEMBRO

Em 10, com o premio maior de

45:000$000

Bilhetes a 22$000, decimos a 2$200; cautelas de 1$200, 600, 480, 240, 120 e 60 reis.—Dezenas de 1$200 e 600 reis.

Em 20, com o premio de

25:200$000

Bilhetes a 11$000, decimos a 1$100; cautelas de 600, 480, 240, 120 e 60 reis.—Dezenas de 1$200 e 600 reis.

Em 30, dois premios de

14:400$000

Bilhetes a 6$500, decimos a 650 reis; cautelas de 600, 480, 240, 120 e 60 reis.

NO MEZ DE OUTUBRO

Em 10, com o premio maior de

90:000$000

Bilhetes a 53$000, decimos a 5$300; cautelas de 3$000, 2$400, 1$200, 600, 480, 240, 120 e 60 reis.—Dezenas de 24$000, 12$000, 6$000, 4$800. 2$400, 1$200 e 600 reis.

Em 19, com o premio de

25.200$000

Bilhetes a 11$000, decimos a 1$100; cautelas de 600, 480, 240, 120 e 60 reis.—Dezenas de 1$200 e 600 reis.

Em 29, com dois premios de

14:400$000

Bilhetes a 6$500, decimos a 650; cautelas de 600, 480, 240, 120 e 60 reis.—Dezenas de 1$200 e 600 reis.

As listas de tados os sorteios das loterias de Madrid são enviadas directamente de Madrid, no mesmo dia do sorteio; de maneira que chegam a todas as terras do paiz no segundo dia depois de realisado o sorteio.

Para os particulares recebem-se em pagamento dos seus pedidos notas do Banco, letras, ordens, valles do correio, sellos ou outros valores de prompta realisação.

Os pedidos devem ser dirigidos ao cambista

ANTONIO IGNACIO DA FONSECA

Lisboa

MAIS UM TRIUMPHO

ALCANÇADO PELAS POPULARES

MACHINAS DE COSER

DA

COMPANHIA FABRIL SINGER

NA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE BARCELONA

O PRIMEIRO PREMIO

MEDALHA D'OURO

É esta a melhor resposta que podemos dar áquelles competidores que nos estão continuamente provocando a confrontos.

A COMPANHIA SINGER, a todas as exposições a que tem concorrido, tem sahido sempre victoriosa, em vista da solida construcção e perfeição de trabalho das suas machinas de costura.

A PRESTAÇÕES DE 500 REIS SEMANAES E A DINHEIRO COM GRANDE DESCONTO

PEÇAM-SE CATALOGOS ILLUSTRADOS

COMPANHIA FABRIL «SINGER»

75-Rua de José Estevão-79

AVEIRO

E EM TODAS AS CAPITAES DE DISTRICTO

LIVERPOOL, BRAZIL & RIVER PLATE MAIL STEAMERS

Cargas do Porto, para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Paranaguá, Santa Catharina, Rio Grande do Sul, Porto Alegre e Pelotas.

COM TRASBORDO EM LISBOA

A frete corrido e conhecimento directo, **em vapores a sahirem quinzenalmente do Porto.**

Para informações dirigir-se aos

Agentes no Porto
A. J. Shore & C.ª
57—Rua dos Inglezes.

CONCURSO

POR deliberação da camara municipal do concelho d'Amarante, estão a concurso até ao dia 25 do proximo mez de outubro, as cadeiras de inglez e de mathematica, 1.ª parte, do instituto municipal, com o ordenado de 400$000 reis.

São só admittidos a este concurso os individuos que pelo menos se acharem habilitados com o curso de sciencias em letras, além das habilitações especiaes para a regencia d'aquellas cadeiras.

A' camara fica salva a faculdade de annullar ou de tornar procedente o concurso, sempre que qualquer d'estas resoluções lhe seja aconselhada pelos interesses do ensino e pelo bom credito do instituto.

Camara d'Amarante, 13 de agosto de 1889.

O presidente da camara
João Pereira Teixeira de Vasconcellos.

HOTEL SERRA

LUZO

O antigo Hotel Serra, de Luzo, melhorou as suas condições, fazendo uma casa nova, d'onde se gozam encantadoras vistas. Ha na nova e antiga habitação excellentes sallas e quartos mobilados de novo—tudo com a maior decencia. Este antigo e acreditado estabelecimento melhorou muito as condições da sua cópa e cosinha, sem alterar os preços uzuaes. Os criados são de toda a fidelidade, o serviço regularissimo, e acha-se já aberto e em serviço effectivo.

PERDEU-SE

DÃO-SE alviçaras, no mesmo valor, a quem encontrasse e queira entregar *n'esta Redacção*, uma medalha de ouro, completamente circular, lavrada e antiga.

REGIMENTO DE CAVALLARIA N.º 10

ANNUNCIO

O conselho administrativo do dito regimento faz publico, que não tendo sido approvada a 2.ª arrematação das forragens a secco para os cavallos do referido corpo desde 1 de outubro do presente anno a 30 de setembro de 1890, ha de proceder a nova arrematação no dia 27 do corrente, pelas 10 horas da manhã, no seu quartel em Aveiro.

A quantia arbitrada para deposito é de 1:000$000 reis.

As condições estão patentes na secretaria do conselho todos os dias não santificados, desde as 10 horas da manhã ás 2 da tarde.

Quartel em Aveiro, 14 de agosto de 1889.

O secretario do conselho
Antonio Antunes,
Alferes de cavallaria 10.

VISCONDE DE VILLARINHO DE S. ROMÃO

VIDEIRAS AMERICANAS

1 folheto com 2 phototypias.... 200 réis

Porto: Livraria Chardron, Lugan & Genelioux—Editores.

TYPOGRAPHIA AVEIRENSE
Largo da Vera-Cruz
AVEIRO